



**UNIVERSIDADE TIRADENTES - UNIT
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E
EXTENSÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO-PPED
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**INSTITUTO SENHOR DO BOMFIM: DO JARDIM DE INFANCIA AO ENSINO
PRIMÁRIO (1952 – 1967)**

HELENA MARIA FAGUNDES DOS SANTOS BRAZ

ARACAJU – 2018

HELENA MARIA FAGUNDES DOS SANTOS BRAZ

**INSTITUTO SENHOR DO BOMFIM: DO JARDIM DE INFANCIA AO ENSINO
PRIMÁRIO (1952 – 1967)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes como requisito para obtenção do grau de Mestre em Educação – Universidade Tiradentes.

**PROF. DR. CRISTIANO DE JESUS FERRONATO
ORIENTADOR**

ARACAJU – 2018

B827i Braz, Helena Maria Fagundes dos Santos
Instituto Senhor do Bomfim: do jardim de infância ao ensino primário (1952 /
1967 / Helena Maria Fagundes dos Santos Braz ; orientação [de] Prof.º Dr.º Cristiano
de Jesus Ferronato – Aracaju: UNIT, 2018.

93 f. il.: 30cm

Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2018
Inclui bibliografia.

1. História da educação. 2. Instituições educativas. 3. Instituto Senhor do Bomfim. I.
Braz, Helena Maria Fagundes dos Santos. II. Ferronato, Cristiano de Jesus. (orient.).
III. Universidade Tiradentes. IV. Título.

CDU: 37(813.7) (091)

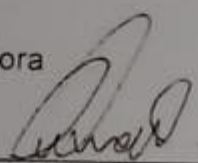
INSTITUTO SENHOR DO BOMFIM: DO JARDIM DE INFANCIA AO ENSINO
PRIMÁRIO (1952 – 1967)

HELENA MARIA FAGUNDES DOS SANTOS BRAZ

Dissertação submetida ao Programa de Pós-
Graduação em Educação da Universidade
Tiradentes como requisito para obtenção do grau
de Mestre em Educação – Universidade
Tiradentes.

Aprovado em / /

Banca examinadora



Prof. Dr. Cristiano Ferronato – PPED/UNIT
(Orientador)

Ane Luísa Silva Mecnas Santos

Profa. Dra. Ane Luísa Silva Mecnas - PPED/UNIT
(Membro Interno da Banca)

Dinamara Garcia Feldens

Profa. Dra. Dinamara Garcia Feldens – PPGED/UFS
(Membro Externo da Banca)

“O que tem de ser tem muita força”.

Guimarães Rosa

DEDICATÓRIA

*Pelo imenso Amor que transbordo,
dedico esta minha produção
acadêmica aos meus pais, minhas
joias preciosas, Braz e Edneia.
Meu sucesso é de vocês!*

AGRADECIMENTOS

Tenho muito a agradecer...

Ao meu Glorioso e Louvável Senhor, Deus;

Aos meus amados pais, Carlos Braz e Edneia Fagundes.

Às minhas preciosas irmãs, Cândida Regina e Laura Cecília;

Ao meu excêntrico companheiro e esposo, Willams Mota;

À amiga e mentora, Taissa Amorim;

À minha inspiração, Dinamara Feldens;

Ao meu admirável orientador, Cristiano Ferronato;

Ao nobre historiador, Pedrinho dos Santos.

Aos meus estimáveis colegas do Mestrado: Luciana Barreto, Jady Rosa, André Luiz, Ana Valéria, Juliana Monteiro, em especial a Dilson Gonzaga Sampaio.

RESUMO

O presente estudo tem a finalidade de analisar o processo de instalação e funcionamento do Instituto Senhor do Bomfim, uma instituição educativa particular, não confessional, situada no bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, que se destinava à educação, desde o jardim até o primário, entre os anos de 1952 a 1967. A pesquisa está inserida no campo da História da Educação, particularmente, na área da História das Instituições Educativas, e convém considerar a dimensão temporal da instituição como fator de análise importante, visto que o recorte temporal do ano de 1952 sinaliza o ano de fundação da instituição pelas professoras Ednelza Menezes Lima e Maria Jeanina de Lima, já o ano de 1967 marca o encerramento de suas atividades, enquanto Instituto, pois, no ano seguinte, tornou-se Colégio, oferecendo do Jardim até o ensino profissionalizante. Esse período de 15 anos representa o tempo de exercício do instituto e será estudado na tentativa de buscar elementos que auxiliem na compreensão do processo de organização, do funcionamento e das normas internas, bem como no estudo de conhecimentos curriculares, valores e habilidades cultuadas e que tiveram influência na formação de cidadãos. Dessa forma, a metodologia reúne dados de pesquisa bibliográfica relativa à temática, a partir da seleção e análise de livros, capítulos de livros, artigos, dissertações e teses. Estas últimas, localizadas pelo objeto de estudo a que se dedicaram, isto é, a instituição de que trata este texto. Acrescentem-se a esse exercício dados de pesquisa documental para a qual foram selecionados como fonte os registros localizados nos arquivos dos órgãos da Inspeção Escolar, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Biblioteca Pública Epifânio Dória. A hipótese foi construída, assentada na perspectiva de que o Instituto Senhor do Bomfim por estar localizado em um bairro operário da cidade de Aracaju, teve importante papel na formação educacional das famílias ali residentes. Com a definição do objeto de estudo, foram formuladas questões norteadoras, como: Qual a influência dessa escola para o crescimento e o desenvolvimento do bairro Siqueira Campos? Como se deu o processo de organização e funcionamento dessa escola? Quais práticas pedagógicas, conhecimentos curriculares, valores e habilidades eram ensinados pelo Instituto? Quem eram os sujeitos que por ela passaram? Questões essas consideradas peças-chave para a presente pesquisa, intencionando expor a relevância do Instituto para a sociedade bem como para o meio acadêmico. Toda a pesquisa tem como categoria de análise a institucionalização e está fundamentada nos escritos de autores como Justino de Pereira Magalhães, com o seu singular texto *Tecendo Nexos: história das instituições educativas* (2004). Infere-se que historiar uma determinada instituição é extrair das entrelinhas da sua trajetória pontos significativos e importantes para a sua identidade. Como resultados da pesquisa, destaca-se que a instituição nos primeiros 15 anos, ofereceu à sociedade os cursos Jardim, Pré-primário e o Primário para as crianças de famílias de certa condição social como também para aquelas tidas como pobres e a sua criação tinha o intuito de transmitir, além da educação formal pautada em currículos oficiais, uma educação íntegra respaldada na moral e na disciplina dos alunos.

Palavras-chave: História da Educação. Instituições Educativas. Instituto Senhor do Bomfim.

ABSTRACT

The present study has the purpose of analyzing the process of installation and operation of the Senhor do Bomfim Institute, a private, non-denominational educational institution located in the Siqueira Campos neighborhood, in the city of Aracaju, Sergipe State, which was destined for education, the garden to the primary level, between the years of 1952 and 1967. The research is inserted in the field of History of Education, particularly in the area of History of Educational Institutions, and it is convenient to consider the temporal dimension of the institution as an important analysis factor, seen that the temporal cut of the year 1952 signals the year of foundation of the institution by the teachers Ednelza Menezes Lima and Maria Jeanina de Lima, already the year of 1967 marks the end of its activities, as Institute, therefore, the following year, became College, offering from the Garden to vocational education. This 15-year period represents the institute's exercise time and will be studied in an attempt to find elements that help in understanding the process of organization, functioning and internal norms, as well as in the study of curricular knowledge, values and learned skills. influenced the formation of citizens. Thus, the methodology gathers bibliographic research data on the subject, from the selection and analysis of books, chapters of books, articles, dissertations and theses. These last ones, located by the object of study to which they were dedicated, that is to say, the institution that deals with this text. Add to this exercise documentary research data for which the records located in the archives of the School Inspection, the Historical and Geographic Institute of Sergipe and the Epifânio Dória Public Library were selected as source. The hypothesis was built, based on the perspective that the Senhor do Bomfim Institute, because it was located in a working-class neighborhood in the city of Aracaju, played an important role in the educational formation of the families living there. With the definition of the object of study, guiding questions were formulated, such as: What is the influence of this school for the growth and development of Siqueira Campos neighborhood? How did the process of organizing and running this school take place? What pedagogical practices, curricular knowledge, values and skills were taught by the Institute? Who were the guys who passed through her? These questions are considered key pieces for the present research, intending to expose the relevance of the Institute to society as well as to the academic environment. All the research has as an analysis the institutionalization and is based on the writings of authors such as Justino de Pereira Magalhães, with its unique text *Tecendo Nexos: history of educational institutions* (2004). It is inferred that to historicize a certain institution is to draw significant and important points for its identity from among its trajectory. As a result of the research, it is worth noting that in the first 15 years the institution offered the society the Garden, Pre-primary and Primary courses for children from families of certain social status as well as for those considered as poor and their creation had the aim of transmitting, in addition to formal education based on official curricula, an integral education based on the morality and discipline of students.

Key words: History of Education. Educational Institutions. Senhor do Bomfim Institute.

LISTAS DE FIGURAS

Figura 01 – Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903).....	38
Figura 02 – Colégio Tobias Barreto.....	40
Figura 03 - A Igreja onde funcionava efetivamente o Colégio.....	41
Figura 04 – Colégio Jackson de Figueiredo.....	42
Figura 05 – Colégio Patrocínio de São José (1940).....	43
Figura 06 – Colégio Pio X (1954).....	44
Figura 07 – Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1957).....	45
Figura 08 – Colégio Tiradentes (1962).....	46
Figura 09 – Certidão do Instituto Senhor do Bomfim na Secretaria de Educação e Cultura.....	68
Figura 10 – Currículo do pré-escolar.....	75

SUMÁRIO

1 DA PESQUISADORA À PESQUISA: APRESENTANDO AS TRILHAS DA PESQUISA.....	12
1.1 A configuração do objeto de pesquisa.....	22
1.2 O Campo da história das instituições educativas a partir de um novo olhar historiográfico.....	25
1.3 Algumas inferências teóricas. Procedimentos de pesquisa e fontes.....	27
2 INSTITUIÇÕES EDUCATIVAS EM ARACAJU (1952 – 1967).....	35
2.1 Do Aribé ao Siqueira Campos: o surgimento do progresso em Aracaju.....	48
2.2 A criação do Instituto do Senhor do Bomfim.....	56
3 ELEMENTOS CONSTITUINTES DA IDENTIDADE DA INSTITUIÇÃO EDUCATIVA SENHOR DO BOMFIM.....	66
3.1 As instalações do Instituto do Senhor do Bomfim.....	68
3.2 O currículo e as disciplinas escolares.....	71
3.3 O jardim, o pré-primário e o primário.....	75
3.4 Os sujeitos da escola.....	76
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	81
REFERÊNCIAS.....	86

1 DA PESQUISADORA À PESQUISA: APRESENTANDO AS TRILHAS DA PESQUISA À CONFIGURAÇÃO DO OBJETO DE PESQUISA

O interesse pela História das Instituições Educativas advém da inclinação pessoal da pesquisadora pela área de educação, pois é oriunda de uma família de professores, inclusive a sua genitora, Dona Edneia Fagundes dos Santos Braz, e a sua irmã, Cândida Regina Fagundes dos Santos Braz, são licenciadas em História, além de que já exerce atividade docente há cerca de cinco anos e sente prazer em estar em sala de aula interagindo com alunos. Eis o motivo do fortalecimento do seu interesse em ingressar no mestrado em Educação.

No que se refere ao anseio em pesquisar no campo da história das instituições educativas em Sergipe, este adveio no momento em que a pesquisadora decidiu cursar o referido mestrado. Para tal, inscreveu-se no processo de seleção de aluno especial na disciplina História da Educação, no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Tiradentes - PPED/UNIT, em 2015. A disciplina foi ministrada pelos professores doutores Cristiano Ferronato e Ilka Miglio de Mesquita. Cursou a disciplina com o objetivo de entender o campo da história da educação e os seus referenciais teóricos e metodológicos, visto que sua formação (Administradora de Empresas, com especialização em Gestão de Negócios) diferia da área pretendida. Dessa forma, percebeu que a disciplina seria uma preparação para ingressar no mestrado em Educação.

Durante o andamento da disciplina, o conteúdo estudado foi se revelando importante por induzi-la a descobertas, compreensões e indagações sobre o campo da história da educação e, principalmente, sobre a história das instituições educativas. Nesse sentido, foi desenvolvendo o desejo de investigar no campo das instituições educativas. Neste mesmo ano, a pesquisadora ingressou no Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN/PPED/UNIT/CNPq), liderado pelo professor Cristiano Ferronato. Nas reuniões do grupo, passou a conhecer a literatura, os autores, os temas e, assim, o seu desejo se fortaleceu. Fortificou-se, ainda mais, quando se aproximou do colega de grupo, e naquele momento mestrando em Educação, Dilson Gonzaga Sampaio, que estava pesquisando o colégio Patrocínio de São José, uma instituição educativa de caráter feminino confessional católico dirigida, desde a sua fundação até os dias atuais, pela

Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição, fundada em 1940, na cidade de Aracaju-SE.

Em um dos encontros do grupo, a pesquisadora foi apresentada aos escritos do estudioso português Justino Pereira de Magalhães, quando em contato com a sua obra “Tecendo Nexos: história das instituições educativas” (1999). A leitura e a discussão do texto feitas no grupo de pesquisa abordando o conteúdo desse livro levaram-na a refletir, com mais cuidado, sobre esse tema tão importante no campo da História da Educação. Nesse sentido, destaca-se um excerto do texto que mais marcou no momento de busca por uma temática de pesquisa, que é quando Magalhães diz:

A história das instituições educativas constituiu um domínio do conhecimento em que se tem operado uma profunda alteração metodológica, uma vez que há uma narrativa de natureza cronística e memorialista, que informa as representações e os relatos orais dos atores se procura contrapor uma base de informação arquivística, sob uma heurística e uma hermenêutica complexa, problematizantes e centradas na instituição educativa como totalidade em organização e desenvolvimento. Uma história construída(s) da(s) memórias(s) para o arquivo e do arquivo para a memória, intentando uma síntese multidimensional que traduza um itinerário pedagógico, uma identidade histórica, uma realidade em evolução, um projeto pedagógico (MAGALHÃES, 1999, p. 61).

Diante da afirmação, a pesquisadora passou a entender que um mero pesquisador, ao se debruçar sobre uma determinada instituição educativa, deve extrair das entrelinhas da sua trajetória pontos significativos e importantes para a construção da sua identidade. Dessa forma, o estudo histórico de uma instituição de ensino deve ir além da simples reconstrução do passado; deve trazer para discussão as medidas tomadas por essa dentro de um determinado contexto histórico, pois estão diretamente relacionadas com a identidade de uma comunidade (CAMPEÃO, 2006). Esse campo de estudo caracteriza-se como um espaço de discussão enriquecedor e apresenta indícios de vitalidade cada vez maior, devido à necessidade de preservação da memória, da sua existência no contexto social e cotidiano.

Finalizada a disciplina, deu-se início ao delineamento do projeto para concorrer a uma vaga na linha de Educação e Formação Docente. Muitas leituras foram realizadas para um maior aprofundamento do objeto, e, dentre elas, destaca-

se a tese de doutoramento do professor Cristiano Ferronato, intitulada “Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instituição secundária na província da Parahyba do Norte (1836 – 1884)”, defendida em 2012 no programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal da Paraíba e publicada em livro. Na tese, o objeto principal é o Lyceu Provincial da Parahyba do Norte, que é analisado numa perspectiva de longa duração entre os anos de 1836 a 1884.

Na pesquisa, o autor analisou as configurações da instrução secundária na então Província da Parahyba do Norte desde a oferta de aulas avulsas, enfatizando esse processo histórico do ensino liceal. Em 1836, foi criado o Lyceu Provincial da Parahyba do Norte, instituição de ensino secundário longeva, um precioso artefato da memória educacional paraibana que carrega consigo uma força de preservação, de interação e de germinação, representado pela elite provincial, ao longo do século XIX, como um “glorioso templo de sabedoria”. Nesse processo, além do ensino liceal, o autor discutiu as aulas avulsas públicas e particulares na Província, caracterizando-se esse trabalho como um dos impulsionadores do desejo da presente autora em enveredar-se por este campo.

Com a finalização da disciplina e a entrada no grupo, deu-se início a construção do projeto para concorrer à seleção no ano de 2015.

Finalizado o processo e com a aprovação na citada seleção, a pesquisadora foi indicada para ser orientanda do professor Cristiano Ferronato. A princípio, o projeto de entrada no mestrado tinha como objetivo fazer um levantamento de todas as escolas na modalidade normal, particulares, do estado de Sergipe, todavia, em primeira instância, foi percebido que as informações encontravam-se bastante pulverizadas, o que, de imediato, precisaria de um tempo maior para concretizar todo o estudo. No entanto, em conversa já com o orientador, foi direcionada a adequar o objeto à pesquisa por ele coordenada, ou seja, foi encaminhada para o campo das instituições educativas. A partir de então, deparou-se com algumas indagações, tais como: o que investigar? Qual instituição? Onde procurar documentos pertinentes? Pois já se tinha conhecimento de que este era um dos campos mais férteis na pesquisa em história da educação de Sergipe.

Com o surgimento de dúvidas, a pesquisadora foi a campo conhecer a documentação. Nesse momento, viu-se como uma historiadora da educação, sendo necessário conhecer os repositórios de documentação do Estado. Este exercício

auxiliou na busca por um objeto de pesquisa que a encantasse a pesquisar, pois, como afirma Ferronato (2010, p.27),

No desafio lançado pelas novas formulações no campo da História da Educação e das instituições educativas, pode-se também ir além, quando utilizamos o arquivo escolar e buscamos compreender e explicar a existência de uma instituição escolar como o Lyceu Parahybano, por exemplo, mas como nos chama a atenção Justino Magalhães (2004): [...] sem deixar de integrá-la na realidade mais ampla que é o sistema educativo, [deve-se] contextualizá-la, implicando-a no quadro de evolução de uma comunidade e de uma região, por fim sistematizar e (re) escrever-lhe o itinerário de vida na sua multidimensionalidade, conferindo um sentido histórico.

Nesse sentido, compreende-se a importância em se ter documentos pertinentes ao objeto de estudo para melhor transcrever a sua história, principalmente àqueles que se encontram no arquivo da própria instituição, uma vez que, são pistas valiosas que auxiliarão na escrita da trajetória educacional. Para esse estudo, foram utilizados documentos encontrados fora do Instituto Senhor do Bomfim.

Nessa caminhada, a pesquisadora percebeu como é delicada a vida de quem se aventura em pesquisar não só história da educação, mas História como um todo, no Estado de Sergipe. Faz-se necessária e urgente uma política de organização da documentação referente às instituições educativas no estado, uma vez que o nível de conservação dos documentos não é satisfatório, e muitos já não existem mais, enquanto que os que ainda se fazem mantidos não estão armazenados de forma apropriada, o que dificulta as investigações dos pesquisadores que militam neste campo. No entanto, ficou o entendimento de que não só o poder público não se preocupa com esta memória, haja vista que o setor privado também apresenta problemas com a guarda da documentação, cenário esse observado no acompanhamento da construção da pesquisa de Dilson Gonzaga Sampaio sobre o Colégio Patrocínio de São José.

Nesse sentido, a pesquisadora decidiu encaminhar seu mestrado para o campo das instituições educativas privadas em Sergipe, faltando apenas definir o objeto. Para melhor ser auxiliada, foi proposto pelo orientador que fizesse um levantamento das pesquisas sobre instituições educativas em Sergipe, a fim de conhecer os trabalhos já concluídos no que se refere aos embasamentos teóricos e à definição do objeto.

Para melhor conhecer e entender o funcionamento de uma instituição educativa, a pesquisadora realizou uma busca no banco de teses e dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal do Ensino Superior – CAPES e nas páginas dos programas de Pós-Graduação em Educação da Universidade Tiradentes (Unit) e da Universidade Federal de Sergipe (UFS). Esta busca foi revelando que o campo de pesquisa sobre instituições educativas no Brasil é muito próspero e por isso, o levantamento concentrou-se nos lugares mencionados, visto que, analisar todos os trabalhos produzidos no Brasil poderia prejudicar os resultados buscados neste trabalho. Nesse sentido, destacam-se apenas os trabalhos produzidos em Sergipe os quais atendem à temática de instituições educativas como importantes para a construção desta pesquisa, ou seja, teses e dissertações que tratassem do tema das instituições educativas privadas em Sergipe, assim como o Instituto, de forma a compreender o universo dessas instituições no estado, bem como compreender as metodologias de pesquisas e as narrativas.

Para este levantamento, levou-se em consideração a fala de Maria Cristiane Barbosa Galvão (2010, p. 01), quando compreende que:

Pode-se afirmar, então, que realizar um levantamento bibliográfico é se potencializar intelectualmente com o conhecimento coletivo, para se ir além. É munir-se com condições cognitivas melhores, a fim de: evitar a duplicação de pesquisas, ou quando for de interesse, reaproveitar e replicar pesquisas em diferentes escalas e contextos; observar possíveis falhas nos estudos realizados; conhecer os recursos necessários para a construção de um estudo com características específicas; desenvolver estudos que cubram lacunas na literatura trazendo real contribuição para a área de conhecimento; propor temas, problemas, hipóteses e metodologias inovadoras de pesquisa; otimizar recursos disponíveis em prol da sociedade, do campo científico, das instituições e dos governos que subsidiam a ciência.

Por essa explicitação, compreende-se que a pesquisa científica inovadora, diferenciada do que foi até então produzido, requer prévio levantamento bibliográfico de qualidade, qualidade esta que pode ser alcançada graças a um grande esforço coletivo e ao conhecimento de metodologias adequadas de busca por informações relevantes. Nesse sentido, tem-se a importância em se ter o Instituto Senhor do Bomfim como objeto de estudo, pois é fruto de pesquisas realizadas no bojo da história da educação, onde se pôde constatar que essa instituição ainda não era

conhecida. A curiosidade da pesquisadora sobre o assunto foi então aguçada, o que a impulsionou a buscar informações sobre instituições privadas sergipanas. Aliado a esse motivo, ressalta ainda que diálogos com pesquisadores da área de História da Educação foram salutares, uma vez que proporcionaram a descoberta de uma bibliografia pertinente referente ao assunto.

Os trabalhos encontrados, dentro do marco temporal estabelecido para essa pesquisa, serviram para compreender o universo das instituições educativas, as metodologias de pesquisa, as trajetórias históricas, baseadas na História da Educação. Citam-se os seguintes:

O estudo de Rogério Freire Graça (2012), cujo título é “Civilidade e formação de professoras: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância-SE)”. No referido, o objeto de estudo é o Instituto Sagrado Coração de Jesus/ISCJ, uma instituição educacional fundada na cidade de Estância, Sergipe, com o apoio da Igreja Católica, que no período compreendido entre 1949 e 1955 ofereceu à sociedade estanciana o curso Normal Regional, uma modalidade que formava professoras para atuarem no ensino primário. Pelo ISCJ, o padrão ideal de mulher para a sociedade estanciana da década de 1950 e a verdadeira atuação do ISCJ, que era civilizar as moças das classes abastadas e prepará-las para o exercício do lar.

O estudo de Cristiane de Souza Santana Lima (2013), “O Padre José Carvalho de Souza e o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus: uma história indissociável da educação”, que analisou a trajetória de vida do Padre José Carvalho de Sousa e, dentro dela, a criação do “Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus”. Para tanto, foi necessário entender o contexto educacional do qual o colégio descende; analisar a trajetória do Padre Carvalho e, dessa análise, extrair os indícios do que o tornou um empreendedor da educação; e, por último, interpretar a cultura e as práticas educativas desenvolvidas no Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus.

Ainda em 2013, tem-se o estudo de Mildon Carlos Calixto dos Santos, intitulado “O cotidiano escolar da EMMGR – Serra da Guia, Poço Redondo/SE (comunidade quilombola)”, que teve como objetivo geral identificar e analisar o cotidiano de uma escola pública municipal de educação básica que desenvolve o ensino fundamental (anos iniciais) com ênfase nas identidades étnico-raciais,

diversidade cultural e estética da solidariedade, identificando e ressignificando obstáculos e impulsionadores, avanços e contradições.

Já em 2015, tem-se o trabalho de Michelline Roberta Simões do Nascimento (2015), nomeado “Jardim de Infância Joana Ramos: educação infantil na cidade de Tobias Barreto (1969-1985)”, o qual objetivou desvelar a implantação da educação infantil e os aspectos educacionais da primeira entidade pública no município de Tobias Barreto-SE no período de 1969 – 1985. Para tanto, buscou-se compreender os motivos de criação, a forma de organização e o funcionamento no período delimitado, traçando o perfil profissional dos atores e as práticas educativas presentes, bem como analisar a cultura escolar que norteava o cotidiano desta instituição de educação infantil e a sua contribuição no atendimento infantil do referido município.

No ano de 2016, Dilson Gonzaga Sampaio defendeu trabalho intitulado “‘Para tornar o estudo um farol no colégio o lema tracemos’ O colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953)”. Nesse, o autor buscou analisar a história do Colégio Patrocínio de São José, fundado por religiosas em 1940, na cidade de Aracaju/SE, uma instituição de caráter feminino confessional católica dirigida, desde a sua fundação até os dias atuais, pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. A pesquisa teve como marco inicial o ano de sua inauguração até o ano de 1953, quando o Colégio criou o Jardim de Infância, adotando o ensino misto na instituição. O pesquisador objetivou investigar o colégio no cenário educativo em Aracaju e Sergipe, ao difundir a educação como sua principal missão através do ensino primário, ginasial e escola normal, com internato, externato e semi-internato, na tentativa de compreender a forma de administração utilizada e os seus agentes educativos, além de buscar responder aos questionamentos levantados pela pesquisa e de posse desses resultados contribuir para a historiografia educacional sergipana.

Em 2017, registra-se o trabalho de Luzianne dos Santos: “De escolas reunidas a colégio estadual: a instituição educativa Severiano Cardoso (1924 – 2016)”. O estudo buscou compreender a representação educacional da Instituição Educativa Severiano Cardoso para a cidade de Boquim, sendo necessário identificar as fases pelas quais a instituição passou, bem como as mudanças ocorridas em cada uma delas e analisar, por meio das representações, a identidade da instituição. Concluiu a estudiosa que a história de uma instituição revela-se tanto por suas

singularidades, que podem ser analisadas a partir dos seus frutos, que lhes dão sentido, quanto pela sua permanência ativa relacionada ao acompanhamento das mudanças ocorridas no sistema educacional.

A dissertação de Rosemeire Macedo Costa (2003), intitulada “Fé, civilidade e ilustração: as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903-1973)”. Neste estudo a autora analisou uma instituição confessional católica feminina, também sediada em Aracaju, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, considerada uma instituição de ensino da elite aracajuana, desde a sua fundação em 1903 até o seu fechamento na década de 1970. A pesquisa apresenta a fundação, a consolidação do Colégio e a atuação das Irmãs Sacramentinas na educação feminina em Sergipe.

Outro trabalho foi o desenvolvido por Valéria Alves Melo (2007), cujo título é: “As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915-1970)”. Neste estudo, a autora, através das memórias de ex-alunas, recriou o cenário educativo do Colégio e suas representações, dando relevo àquela instituição localizada na cidade de Propriá, na região do baixo São Francisco.

Josineide Siqueira Santana (2011), em seu o estudo intitulado “Entre bordados cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969)”, investigou durante quarenta e sete anos as práticas educativas na formação feminina, tendo como fonte os documentos da instituição.

No trabalho de Nadja Santos Bonifácio (2011), “Acolher, evangelizar e educar: contribuições do oratório festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914-1952)”, o cenário educativo da instituição surgiu através das memórias de ex-alunas e as fontes utilizadas pela autora, configurando a importância do Colégio como principal instituição de recolhimento de menores pobres em Aracaju.

Em 2014, Carmem Regina de Carvalho Pimentel desenvolveu pesquisa intitulada “Instruir e educar: práticas de formação no colégio Jackson de Figueiredo (1938-1980)”, que analisou as práticas educativas e a história do Colégio Jackson de Figueiredo, uma escola particular, não confessional, que funcionou no município de Aracaju - Sergipe (1938 a 1980). Além da concepção educacional de escola particular não confessional, a estudiosa propôs-se a identificar os fluxos de

representações sociais, bem como a intencionalidade do processo educativo desta escola.

Ante o que se apresenta aqui, foi possível constatar que tais produções revelam que o campo de pesquisa no que se refere às instituições educativas em Sergipe é fecundo e que ainda está aberto a novas pesquisas. Nesse sentido, compreende-se que as informações extraídas do sucinto levantamento de trabalhos realizados na esfera das instituições educativas se fizeram importantes para que se pudesse melhor visualizar, compreender e identificar as características da pesquisa em questão e de se ter o conhecimento de como as pesquisas vêm se encaminhando.

Deste modo, recorrer aos pesquisadores e demais estudiosos facilitou conhecer a história da educação em Sergipe e no Brasil. Essas pesquisas demonstram os esforços desses pesquisadores na circulação da produção do campo da História da Educação. Nesta direção, infere-se que o presente estudo amplia o campo de pesquisa das instituições educativas em Sergipe e no Brasil, já que não fora realizada nenhuma pesquisa abordando o Instituto Senhor do Bomfim.

Todavia, abre-se a possibilidade para que outras produções científicas, pertinentes a outros programas, sejam mencionadas para respaldar e justificar, ainda mais, a realização desta pesquisa.

Na busca pela história das instituições educativas em Sergipe, a pesquisadora foi apresentada, em uma das reuniões do Grupo de Pesquisa, ao Instituto Senhor do Bomfim, pelo integrante Dilson Gonzaga Sampaio. Ele, contundentemente, afirmou que a instituição, fundada nos idos dos anos 1950, não havia sido motivo de nenhuma pesquisa no âmbito da academia, dado constatado em levantamento que aponta a inexistência de pesquisa sobre a instituição.

Abre-se um viés para registrar a importância em se participar de cursos, palestras, fóruns, defesas de dissertações, bem como ser integrante do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste (GPHEN/PPED/UNIT/CNPq), pois, em diálogos com outros pesquisadores, conhece-se uma vasta bibliografia especializada pertinente ao tema. Nesse sentido, surgiram algumas questões: por que aquela instituição ainda não tinha sido objeto de pesquisa? Onde ela se localizava? Quem a criou? Funcionou até quando? Que níveis de ensino ela oferecia?

Na busca por mais informações sobre aquela desconhecida instituição aracajuana, a pesquisadora avançou a campo. Em um primeiro momento, seu interesse foi logo despertado, visto que constatou que o Instituto ofereceu durante seu funcionamento o ensino profissionalizante em Administração, a sua área. Nas pesquisas iniciais, constatou também que a instituição, nos anos de 1952 a 1967, oferecia os ensinamentos do Jardim, Pré-primário e Primário, e tinha a denominação de Instituto “Senhor do Bomfim”. Dos anos de 1968 até 2009, denominou-se Colégio e passou a oferecer à sociedade aracajuana até os ensinamentos profissionalizantes, como Técnico de Administração, Técnico de Contabilidade e Magistério.

Em campo, a instituição foi sendo descortinada, sendo possível descobrir onde funcionava, quem a tinha fundado e alguns conhecidos próximos que ali haviam cursado algum nível de ensino durante a vida. Um momento marcante foi a primeira visita à instituição, quando se deparou com um entrave: não foi bem recebida! A irmã da fundadora, Jeanine Menezes Lima, ainda abre o estabelecimento em horário comercial, então foi encontrada com facilidade. Entusiasmada, a pesquisadora foi logo mencionando o interesse em pesquisar o Instituto, e a Sra. Janine, de imediato, declarou não ter interesse em contribuir com a pesquisa, pois, segundo ela, homenagem à Ednelza Menezes Lima deveria ter sido feita quando ela era viva. Diante dessa situação, a pesquisadora sentiu-se desafiada e decidiu continuar o estudo.

Nesse sentido, faz-se alusão a Magalhães (2004), quando afirma, que

[...] historiar uma instituição é compreender e explicar os processos e os “compromissos” sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto. Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento [...]. (MAGALHÃES, 2004, p. 58).

Desta forma, levando em consideração a afirmação, entende-se que a presente investigação caracteriza-se como necessária por se propor a abordar a modalidade educativa, na intenção de se conhecer a história e suas mudanças, tendo a pesquisa uma etapa importante na compreensão da história educacional da instituição aqui proposta para análise e para a história da educação sergipana.

Ao final dessa etapa inicial, a busca tinha chegado a termo, tendo a pesquisadora definido o campo e o objeto da sua pesquisa. Então, fazia-se necessário agora definir como analisar aquele objeto e, nesse caminho, foi singular a leitura das análises de Justino Magalhães. Este autor se tornou o aporte indispensável para uma nova reflexão a respeito da História das Instituições Educativas. Os seus escritos sobre como investigar uma instituição educativa e a compreender o que se passa no interior da escola possibilitaram compreender melhor as relações estabelecidas e o cenário educativo com ações articuladas pelos seus principais agentes educativos no espaço escolar.

Ao fim desta trajetória, os caminhos da pesquisa foram traçados para dar início à escrita da dissertação. A pesquisa justifica-se em virtude de algumas questões identificadas como a importância da instituição no crescimento e desenvolvimento do bairro Siqueira Campos, na oferta de bolsas de estudos para crianças comprovadamente pobres, na formação de profissionais em diversas áreas, entre outras, e na inexistência de estudos que tivessem como objeto de pesquisa esta instituição, uma vez que não foram evidenciados registros de pesquisa nem ao menos fotografias dessa, que funcionou por muitos anos.

1.1 A configuração do objeto de pesquisa

Nesse sentido, esta dissertação tem como objetivo analisar o processo de instalação e funcionamento do Instituto Senhor do Bomfim, no período de 1952 a 1967. O recorte temporal do ano de 1952 sinaliza a data de instalação do Colégio, no Bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju; já o ano de 1967 data momento em que a instituição muda de status e se torna colégio.

A pesquisa esta pautada em fontes documentais encontradas em arquivos dos órgãos da Inspeção Escolar, do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe e da Biblioteca Pública Epifânio Dória, como: Relatórios e Processos, Relatórios de Secretários de estado, dados censitários, legislação, jornais, entre outros.

Tem-se então que o objeto de estudo em questão, o Instituto Senhor do Bomfim será analisado partindo-se dos pressupostos deste campo de estudos, ou seja, das instituições educativas.

Uma das motivações que levou a pesquisadora a estudar esta instituição residiu-se no fato de que a mesma formou um número significativo de estudantes ao

longo do seu funcionamento que vai do ano de 1952 a 2009, e apesar desta vida longa não fora identificada nenhum trabalho que a tivesse como objeto de pesquisa. Assim percebeu-se a necessidade em desenvolver o estudo, por se tratar de uma escola com origens e objetivos próprios e definidos pelas orientações legais da época, coadunando-se com a formação social e cultural das crianças, das mais variadas posições sociais da cidade, além de entender que esse estudo trará a compreensão do conceito de instituição educativa, levando em consideração a relação da instituição com a comunidade envolvente.

Neste sentido, o itinerário seguido pela pesquisadora tem a finalidade de construir interpretações a respeito dessa instituição educativa, e se pauta em apreender elementos que possam conferir a mesma, um sentido histórico no contexto social de sua época, bem como suas influências até os nossos dias.

Para o desenvolvimento da pesquisa foi formulada a seguinte questão: como se deu o processo de instalação e de funcionamento do Instituto Senhor do Bomfim entre os anos de 1952 a 1967? A indagação deu-se no sentido de tentar perceber como a instituição foi criada e como se deu seu funcionamento nestes anos iniciais, visto que a mesma funcionou como Instituto no período pesquisado e posteriormente se tornou Colégio. Destaca-se que, em virtude de ter seu funcionamento encerrado no ano de 2009, a presente pesquisa concentrou-se apenas nos anos iniciais da instituição em virtude do não acesso à documentação dos períodos posteriores, apesar da busca em todos os arquivos da cidade de Aracaju e como também na Instituição.

Mergulhando ainda mais na temática proposta, ressalta-se que essa pesquisa deu-se como inédita, original, e se distingue de outras produções, por iniciar os estudos sobre essa instituição e por estar em uma localidade que é tida como início do progresso socioeconômico da cidade Aracaju: o bairro Siqueira Campos. A importância dessa é possível entender nos seguintes escritos: “a escola tem importante papel para a sociedade porquanto objetiva criar relações entre os sujeitos e a sociedade; desse modo, sua função seria de estabelecer um elo com a totalidade das relações sociais existentes num determinado contexto social” (CURY, 1995, p. 87).

Para tanto se tem como objetivo geral analisar o processo de instalação e funcionamento do Instituto Senhor do Bomfim, uma instituição educativa particular, não confessional, situada no bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju, estado

de Sergipe, que se destinava à educação, desde o jardim até o primário, entre os anos de 1952 a 1967. Quanto aos objetivos específicos, definiram-se os seguintes: contextualizar da história do ensino do Colégio Senhor do Bomfim e sua influência na formação de renomados profissionais em Aracaju/SE; pesquisar o processo de organização e funcionamento, assim como as normas internas do Colégio Senhor do Bomfim; e estudar as práticas pedagógicas, os conhecimentos curriculares, valores e habilidades, praticados pela instituição educativa. Foram também formuladas questões norteadoras, como: Qual a influência dessa escola para o crescimento e o desenvolvimento do bairro Siqueira Campos? Como se deu o processo de organização e funcionamento dessa escola? Quais práticas pedagógicas, conhecimentos curriculares, valores e habilidades eram ensinados pelo Instituto? Quem eram os sujeitos que por ela passaram? Questões essas consideradas peças-chave para a presente pesquisa, intencionando expor a relevância do Instituto para a sociedade bem como para o meio acadêmico.

Assim, procurou-se neste estudo reconstituir a trajetória histórica do Instituto Senhor do Bomfim.

Entende-se que investigar a história do Instituto Senhor do Bomfim abre-se a possibilidade de contribuição para a reconstrução histórica de parte da vida escolar e das instituições educativas em Sergipe. A tarefa foi ainda um desafio na medida em que a referida instituição por não estar mais em funcionamento não houve acesso a toda a sua documentação. No entanto, é um objeto a ser descortinado, uma vez que, a mesma ainda não tinha sido objeto de análise no âmbito acadêmico pela historiografia da educação sergipana.

Para tanto, procurou-se privilegiar a análise dos primeiros anos do Instituto, uma vez que, o mesmo se tornou no ano de 1967 Colégio. Portanto, considerando esses aspectos a hipótese foi construída, assentada na perspectiva de que o Instituto Senhor do Bomfim por estar localizado em um bairro operário da cidade de Aracaju teve importante papel na formação educacional das famílias ali residentes. A instituição educativa aqui em foco, apesar de não se configurar como uma referência educativa e um modelo escolar, a qual deveria servir para todas as outras escolas, muito contribuiu para uma educação íntegra respaldada na moral e na disciplina dos alunos.

Assim, a partir desses argumentos, procurou-se consubstanciar a devida reflexão considerando algumas inferências teóricas que ajudaram a construir uma narrativa que dessem respostas, minimamente convincentes sobre a problematização aqui esboçada. Tais escolhas teóricas e conceituais possibilitaram dialogar com as fontes e as referências bibliográficas.

1.2 O Campo da história das instituições educativas a partir de um novo olhar historiográfico

O interesse em investigar o Instituto Senhor do Bomfim surgiu em reuniões do Grupo de Pesquisa História da Educação no Nordeste quando em discussão sobre as instituições educativas em Sergipe foi levantado que esta instituição ainda não tinha sido objeto de investigação no campo no estado. Daí surgiu o primeiro contato da pesquisadora com a temática acerca das instituições educativas, despertando especial interesse pela supracitada instituição, tornando-se objeto de estudo dessa dissertação. Como o contato que a pesquisadora tinha com este campo não era muito grande precisou-se ir à busca de leituras que pudessem a embasar para analisar o objeto definido.

Entre as leituras feitas naquele momento estiveram autores como André Chervel, (1990); Marcus Vinícius da Cunha (2000); Luciano Mendes de Faria Filho (2000), Justino Magalhães, José Luís Sanfelice (2006); Cristiano Ferronato (2012), entre outros. O intuito era saber o quê as pesquisas sobre instituições educativas se desenvolveram, sobretudo, a partir da década de 1990 e consolidaram-se no interior das pós-graduações, embora alguns estudos tenham sido realizados anteriormente.

Este novo olhar surgiu em oposição à Historiografia Tradicional com um sentido mais amplo, complexo e abrangente sobre os espaços sociais destinados à educação escolar, atribuindo muita importância às suas singularidades e particularidades. Essa renovação nos estudos sobre esta temática apresentada proporciona que os novos questionamentos se cruzem com o alargamento das problemáticas, com a diversidade dos contextos e com os modelos e práticas educativas.

Nesse caminho a nova historiografia teve como preocupação também rever o conceito de história institucional. Esta revisão foi feita no sentido de levar em conta a problematização das instituições na sua relação com a comunidade em seu

entorno. Neste sentido, o itinerário seguido pelos pesquisadores que se preocupam em construir interpretações a respeito das instituições educativas se pauta em apreender elementos que possam conferir às mesmas, um sentido histórico no contexto social de sua época, bem como suas influências até os nossos dias.

Percebe-se que nessas análises a pesquisadora tenta mergulhar na interioridade da instituição definida como objeto de pesquisa, tentando de certa maneira reconstruir uma historiografia que explique melhor os fenômenos e a realidade educativa, ou seja, que dê conta dos vários atores envolvidos no processo, nesse sentido Justino Magalhães (2004, p. 53) afirma que “a produção historiográfica enquanto construção e representação discursiva da realidade visa o conhecimento da relação, ou melhor, das relações, num contexto de multidimensionalidade”.

O que resulta destas afirmações é que historiar uma instituição educativa, tomada numa pluridimensionalidade, não significa descrevê-la de forma laudatória. O que se objetiva é mais analisar, explicar e tentar integrá-la em uma realidade mais ampla, que seria o próprio sistema educativo, inseri-la no processo de evolução de sua comunidade ou região sistematizando e, de certa forma, reescrevendo seu ciclo de vida em um quadro mais amplo, de mudanças no âmbito local.

Deve-se buscar a dimensão meso, para que se dê vida e intensidade à História da Instituição, conferindo às suas diversas personagens: diretoras, professoras, professores, alunos e demais membros da comunidade, a condição de sujeitos históricos, tendo em vista a grandeza dos pequenos atos e gestos, as vozes pouco ouvidas ou silenciadas, as práticas escolares, o currículo e o seu projeto educativo.

Assim, os estudos sobre as instituições educativas possibilitaram abordar aspectos relativos à cultura escolar, à formação de professores, aos livros didáticos, às disciplinas escolares, ao currículo, às práticas educativas, sobre questões de gênero, à infância e, obviamente, sobre as arquiteturas escolares.

Segundo Sanfelice (2006, p. 26), “é preciso ressaltar que a história das instituições escolares é a história da própria educação - e não uma mera subdivisão dela. Como toda parte se relaciona com o todo, ao compreendermos uma instituição, amplia-se a possibilidade de compreensão da Educação”.

Mogarro (2005, p. 105) compartilha com o pensamento de Sanfelice (2006) quando afirma que “a instituição escolar constitui o universo de uma cultura própria e sedimentada historicamente, sendo também a produtora dos traços/documentos dessa cultura”.

Magalhães (2004) também inquiriu sobre a história das instituições educativas:

Conhecer o processo histórico de uma instituição é compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte, de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a com a realidade material e sociocultural de contexto (MAGALHÃES, 2004, p. 31).

Autores como Nosella e Buffa (2006) observaram, por exemplo, que as pesquisas sobre instituições educativas se desenvolveram, sobretudo, a partir dos anos 1990. Dentre os motivos citados para este avanço os autores destacam a consolidação dos programas de pós-graduação em educação no Brasil, o que levou a uma maior institucionalização da pesquisa acadêmica e ao estímulo favorável de uma possível crise de paradigmas, propiciadora de pluralismo epistemológico e temático, privilegiando o estudo de objetos singulares, como alega Sanfelice (2008). Esses fatores são visto como desencadeadores da produção de estudos inerentes às instituições educativas, pois a cada pesquisa realizada tem-se valor agregado a esse arcabouço teórico.

De acordo com os autores acima mencionados compreende-se que o estudo das instituições escolares é também o estudo da história da educação, e que pode acontecer, analisando uma ou mais fontes como a edificação e sua arquitetura, a cultura, os sujeitos, o contexto histórico, as práticas pedagógicas entre outros.

Nesse sentido que se almeja investigar o Instituto Senhor do Bomfim, definindo como objetivo principal seus primeiros anos quando oferecia apenas os níveis de jardim de Infância e de Ensino Primário.

1.3 Algumas inferências teóricas. Procedimentos de pesquisa e fontes.

Entende-se que definir de forma prévia os parâmetros teórico-metodológicos é requisito imprescindível da pesquisa de caráter científica.

Para Oliveira (2005, p. 2 - 3) o trabalho de pesquisa requer “[...] um método, orientador e revelador das nossas ações e da nossa organização do trabalho investigativo”. Não menos importante que o método é a clareza do lugar de onde se fala, ou seja, dos pressupostos que amparam determinada iniciativa de investigação.

A ampliação das discussões e produções historiográficas a partir da década de 1980 deslocou o olhar para o particular e o específico. O desenvolvimento dos cursos de pós-graduação em todo o país permitiu que os pesquisadores delimitassem objetos e fontes mais próximas de seus interesses e realidades locais. Esse olhar da perspectiva regional ofereceu novas possibilidades de análise, fez aflorar especificidades ignoradas, dinâmicas singulares e deu visibilidade a outros atores sociais costumeiramente desconsiderados nas análises. Descortinou-se, dessa maneira, todo um campo inexplorado com inúmeras possibilidades de investigação.

Portanto, os procedimentos metodológicos adotados para alcançar os objetivos estabelecidos nessa pesquisa foram assentados na pesquisa de caráter histórico-documental.

Atualmente, o debate acerca dos arquivos escolares enquanto fonte de pesquisa tem-se tornado mais frequente a partir da década de 1990, no Brasil, aliado às questões colocadas pela História Cultural, cujo interesse e uso de referenciais têm sido crescentes na História da Educação.

Entre os trabalhos que buscam discutir essa relação, pode-se destacar o de Thais N. L. Fonseca (2003), que traz apontamentos de sentidos, possibilidades e limites desse diálogo no Brasil, defendendo que “a história da educação, como especialização da história, ou, dito de forma mais consistente, como campo temático de investigação, não tem fronteiras a definir com a história cultural. Antes, utiliza seus procedimentos metodológicos, conceitos e referenciais teóricos, bem como muitos objetos de investigação” (p.59).

Nesta perspectiva, a definição de Chartier a respeito da História Cultural, como “uma história dos objetos na sua materialidade, uma história das práticas nas suas diferenças e uma história das configurações, dos dispositivos nas suas variações” (2002, p.45) é bastante sugestiva em possibilidades para o estudo das Instituições Educativas.

No que se refere às questões referentes à cultura escolar e às fontes que permitam sua percepção e estudo, acabam por fazer voltar os olhares aos arquivos

escolares, em busca de registros documentais que permitam a reconstituição da cultura material escolar das instituições educativas.

Por fim, aqui a pesquisadora se propôs a estudar e analisar a história do Instituto Senhor do Bomfim, mais precisamente os primeiros anos da instituição, ou seja, entre 1952 – 1967 anos em que a instituição ofereceu o jardim da infância e o ensino primário.

Os procedimentos metodológicos para o desenvolvimento da pesquisa estão embasados na pesquisa histórico-documental bem como na pesquisa bibliográfica.

O uso da pesquisa documental dá-se com a utilização de documentos referentes ao Instituto Senhor do Bomfim. Sobre ela esclarece Oliveira que “[...] na pesquisa documental, o trabalho do pesquisador (a) requer uma análise mais cuidadosa, visto que os documentos não passaram antes por nenhum tratamento científico” (OLIVEIRA, 2007, p. 70). Nesse sentido, os documentos permitem encontrar informações sobre os aspectos legais e de parte da memória “oficial” da instituição. A pesquisa bibliográfica, por sua vez, proporciona subsídios acerca de outros trabalhos sobre instituições educativas e análises e interpretações sobre legislações específicas; sobre as instituições educativas, bem como do contexto histórico, econômico, político, social e cultural em que instituições foram criadas.

Convém relatar que as pesquisas no campo da História da Educação vêm sendo realizadas com uma nova visão, sob diferentes olhares, no sentimento advindo de outras reflexões pelos estudiosos, o que permite estabelecer paralelos entre o passado e presente e a enriquecer o arcabouço teórico. Como afirma Sampaio (2016):

Os pesquisadores em História da Educação buscaram novos objetos de pesquisa em diversos momentos da história, visando compreender as mais diversificadas fontes e objetos de estudos. Havendo uma ruptura do antigo, outrora investigado, as pesquisas em História da Educação a partir do final da década de 1980, encontraram uma nova diversidade de objetos antes ignorados como instituições educativas. Esta possibilidade surge quando o historiador da educação define o seu campo teórico (SAMPAIO, 2016, p. 22).

Assim como aqueles que já contribuíram para o engrandecimento dessa temática, sentiu a pesquisadora entusiasmada a encontrar mais ensinamentos a respeito da História das Instituições Educativas, passando a ter conhecimento de

mais conceitos e trajetórias, indo ao encontro de novas fontes e referenciais teóricos vinculados ao objeto.

Entende-se que, para conhecer uma dada história, deve-se recorrer ao passado, às fontes, para que seja possível analisar documentos com destreza e sabedoria. Reitera-se esse pensar por meio dos escritos do historiador francês Jacques Le Goff (1994), quando em uma das passagens de seu livro “História e Memória” afirma que:

Leis, cartas, fórmulas, crônicas e histórias, é preciso ter lido todas estas categorias de documentos sem omitir uma única... A leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas... A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm e em não lhes acrescentar nada do que eles não contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos (LE GOFF, 1994, p. 527).

E, pelos pertinentes documentos, faz-se alusão ao pensar ainda do autor que assegura que “a leitura dos documentos não serviria, pois, para nada se fosse feita com ideias preconcebidas. A sua única habilidade (do historiador) consiste em tirar dos documentos tudo o que eles contêm. O melhor historiador é aquele que se mantém o mais próximo possível dos textos” (LE GOFF, 1994, p. 527).

Uma questão a se destacar está relacionada à busca pelas fontes. Os arquivos dos órgãos públicos trazem significativas informações acerca do Instituto, no entanto, alguns desses documentos pesquisados, não têm uma continuidade temporal que sirvam como testemunho de seu processo histórico. Por isso, esse estudo busca também recuperar as fontes ainda existentes sobre essa instituição de ensino.

Nesse entender, para o manuseio das fontes, a pesquisadora respaldou-se nos escritos de Le Goff (2003), que avaliza a premissa de que se faz necessário começar a desmontar, demolir esta montagem, desestruturar esta construção e analisar as condições de produção dos “documentos-monumentos”, pois, só assim, será possível conhecer uma dada história que ficou para trás e que, certamente, deixou espaços que precisam ser preenchidos.

Desta forma, faz-se necessário tencionar e interpretar os documentos para se ter noção do passado de uma instituição, e, neste caso, a apresentação da história do Instituto Senhor do Bomfim. Sem a presença deles, difícil será realizar a

pesquisa, pois, como assevera Ferronato: “[...] o processo de construção de uma pesquisa só é possível quando o pesquisador dispõe de um corpus documental que possa buscar as informações que lhe ofereçam resposta para as problemáticas levantadas” (FERRONATO, 2014, p. 60).

Para esta pesquisa, utilizaram-se de ofícios, regimentos, jornais. De posse desses documentos sobre o Colégio, surgiu a possibilidade de desvelar sobre quais preceitos educativos o Instituto buscava apresentar a sociedade sergipana. Durante esta pesquisa, identificaram-se as principais práticas educativas, configurando-se nas festividades e comemorações da pátria, e o modo de instruir sobre aspectos disciplinares e normativos.

Dessa forma, os registros utilizados neste levantamento foram encontrados na Inspeção Escolar, órgão vinculado à Secretaria Estadual de Educação (SEED/SE), no Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe (IHGSE), na biblioteca pública estadual Epifânio Dória e no Arquivo Público do Estado de Sergipe. Lamentavelmente, não houve acesso ao acervo do próprio Instituto. Para tanto, os resultados até aqui sistematizados correspondem ao que Magalhães (1999) classifica como histórias anteriores. Assim, o presente estudo foi traçado sobre os fundamentos da pesquisa histórico-documental ao demandar nas seguintes fases: a primeira como o levantamento dos documentos nos arquivos já referenciados e a segunda teve como importância a análise das fontes com o diálogo do referencial metodológico e a categoria de análise.

A investigação tornou-se ainda mais relevante por haver o julgamento de que o Instituto deixou marcas importantes para a educação da cidade de Aracaju e, por conseguinte, ao estado de Sergipe, visto que, uma instituição educativa acontece por vários interesses e fatores sociais, algo que a constitui no ambiente onde está inserida, havendo uma relação direta com os agentes educativos e o seu projeto institucional. Desta forma, um colégio não nasce sem um propósito, uma razão, uma ação direta ou indireta que o faz importante em um campo ideológico.

Para desvendar a história desse Instituto, a categoria de análise a ser trabalhada, a institucionalização, foi respaldada inteiramente no conteúdo de Justino Pereira de Magalhães (2004), com o seu texto sobre a história das instituições educativas. Acredita-se que as instituições educativas surgem como espaços portadores de fontes de informações fundamentais para a formulação de pesquisas, interpretações e análises sobre elas próprias, as quais permitem a compreensão do

processo de ensino, e, conseqüentemente, da História da Educação da região onde foram fundadas e dos sujeitos que passaram por elas.

Com o intuito de aprofundar a história do Instituto Senhor do Bomfim, sua construção por meio de métodos, práticas e formas de ensino adotado, a presente pesquisa, inserida no campo da História da Educação e da História das Instituições Educativas, mais uma vez é contextualizada sob ditos de Justino Pereira de Magalhães, a saber:

A história de uma instituição educativa inicia-se pela reinterpretação dos históricos anteriores, das memórias e do arquivo, como fundamento de uma identidade histórica. Esta identidade implica ainda, para além da internalidade, a inscrição num quadro sociocultural e educacional mais amplo, constituído pela rede de instituições congêneres e pelo sistema educativo (MAGALHÃES, 2004, p. 147).

No que se refere a este campo de pesquisa, Gatti Junior (2002) reforça que a pesquisa sobre as instituições educativas insere-se num processo de renovação no campo da história da educação e contribui para a constituição de um novo campo temático da historiografia da educação brasileira. Fundamentado por Justino de Magalhães, o autor declara ainda que a história das instituições educativas investiga o que se passa no interior da escola pela “apreensão daqueles elementos que conferem identidade à instituição educacional, ou seja, daquilo que lhe confere um sentido único no cenário social do qual fez ou ainda faz parte, mesmo que ela tenha se transformado no decorrer dos tempos” (GATTI JUNIOR, 2002, p. 20). Por assim, envolve descrições sobre o ciclo de vida das instituições – criação, desenvolvimento, crises e extensão –, elementos da arquitetura, perfil de seus agentes, envolvendo corpo docente, funcionários, apoio, perfil de alunos, projetos e propostas pedagógicas, dentre outras.

Pesquisar acerca das instituições educativas é uma forma de estudar a história e a filosofia da educação brasileira, na medida em que as instituições que compõem os sistemas educativos estão impregnadas pelos valores de cada época. Historiar essas instituições tem como vantagem a possibilidade de “superar a dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o conceito, a história e a filosofia” (BUFFA, 2002, p. 26).

Apresentado o encontro com o objeto e os aspectos teóricos metodológicos da pesquisa, iniciou-se a análise do Instituto Senhor do Bomfim.

O trabalho está organizado em 03 seções, mais as considerações finais, assim definidas.

Na primeira seção, a introdução, são as informações necessárias sobre a trajetória do processo de escolha do tema de pesquisa, iniciando sobre a motivação que levou a pesquisadora ao estudo do Instituto Senhor do Bomfim, apresentando os objetivos geral e específicos, o marco temporal, os referenciais teórico e de contextualização, as fontes, a metodologia utilizada, os estados da arte que auxiliaram na construção desse texto e que reverenciam as Instituições Educativas, bem como uma breve explanação de cada seção delineada para uma construção sólida dessa pesquisa.

Na segunda seção, intitulada “Instituições Educativas em Aracaju (1952 – 1967)”, intencionou-se realizar um apanhado sobre o contexto educacional na cidade de Aracaju, no período de 1952 a 1967, para conhecer fatos e acontecimentos que exerceram influência na história e no funcionamento da escola, além de apresentar a trajetória do bairro Siqueira Campos e o surgimento do progresso na capital.

Já na terceira seção, fez-se referência aos “Elementos Constituintes da Identidade da Instituição Educativa Senhor do Bomfim”, no tocante ao espaço e ao cotidiano escolar, ao currículo e ao processo de ensino-aprendizagem, como também ao detalhamento das modalidades da educação infantil e ao perfil dos sujeitos que por ela passaram. Foram visualizados, assim, elementos significativos para a compreensão do ensino e das práticas pedagógicas no cotidiano da instituição.

Por fim, pretendeu-se mostrar como se deu o processo de instalação e de funcionamento do Instituto “Senhor do Bomfim” bem como apresentar o seu contributo para a sociedade sergipana e ao acervo dos estudos sobre instituições educativas. Para finalizar esta Introdução, apresenta-se novamente uma fala de Magalhães, reafirmando a renovação do campo de pesquisa onde este trabalho se insere, colocando-o como um “desafio investigativo”.

A abordagem dos processos de formação e de evolução das instituições escolares, enquanto totalidade em relação e em

construção é uma via de renovação da História da Educação, compreendendo o questionamento e o alargamento das problemáticas educacionais, maior sensibilidade aos contextos e à especificidade dos modelos e práticas educativas, e uma interpretação do processo histórico como construção de uma identidade institucional. É um desafio investigativo [...] (MAGALHÃES, 2004, p. 141-142).

Levando em consideração esta afirmação de Magalhães, o desafio investigativo nesta pesquisa foi desvelar e resgatar dos braços de *Lette*¹, a história desta instituição educativa sergipana e contribuir para o campo da História da Educação Brasileira.

¹ Na mitologia grega, Lete é um dos rios do Hades. Aqueles que bebessem de sua água ou, até mesmo, tocassem na sua água experimentariam o completo esquecimento. Lete é também uma das náiades, filha da deusa Eris, senhora da discórdia, irmã de Algea, Limos, Horcos e Ponos. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Lete>, acessado em 10 de nov de 2016.

2 A CRIAÇÃO DO INSTITUTO DO SENHOR DO BOMFIM

Compreender e explicar a realidade histórica de uma instituição é integrá-la de forma interativa no quadro mais amplo do sistema educativo, nos contextos e nas circunstâncias históricas, implicando-a na evolução de uma comunidade e de uma região, seu território, seus públicos e zonas de influência. A sistematização e a (re)escrita do itinerário histórico de uma instituição educativa na multidimensionalidade e na construção de um sentido encontram nessa relação a sua principal base de informação e de orientação (MAGALHÃES, 2004, P. 134).

Nas últimas décadas do século XX e início do XXI, o campo de estudos das instituições educativas no Brasil e em Sergipe tornou-se um dos objetos de maior preocupação dos pesquisadores da história da educação. Vários pesquisadores têm-se debruçado sobre a temática havendo um crescimento da produção com a criação e consolidação dos programas de pós-graduação em educação. O aumento desta produção acadêmica veio colaborar para a reconstrução da história das instituições educativas sergipanas e contribuindo para o campo da historiografia da educação nos âmbitos local e nacional. Destarte, o presente trabalho insere-se neste grupo quando se propõe a investigar a trajetória do Instituto Senhor do Bomfim.

Abordar o tema de criação e de funcionamento do Instituto Senhor do Bomfim, durante os seus primeiros anos de vida, 1952 a 1967, foi uma tarefa que demandou um caminho difícil na busca e identificação das fontes, uma vez que a referida instituição não se encontra mais em funcionamento e não tem um arquivo acessível. Além da documentação, foi feita uma revisão bibliográfica sobre o tema, além da utilização de documentos encontrados em arquivos, entre outras fontes que surgiram ao longo da pesquisa. Procurou-se reconstruir a história desse colégio com o objetivo de apresentar à sua importância na história da educação de Sergipe e na formação de vários jovens que por lá passaram.

Segundo Nunes (2008), a educação sergipana, nos níveis primário, secundário e o curso normal, permaneceu com poucas alterações durante as duas primeiras décadas da República (1889-1920), problemática esta que foi se agravando à medida que as escolas públicas primárias foram crescendo sem um planejamento adequado, visto que as mesmas não apresentavam estrutura adequada para o impulso educacional a que se almejava.

Na primeira década do século XX, as instituições particulares, que em muitos casos também funcionavam no regime de internatos, começaram a surgir em Sergipe, a exemplo: o “Colégio Senhora Sant’Anna” (1848 - 1906), o “Colégio Nossa Senhora de Lourdes” (1903), o “Colégio Tobias Barreto” (1909), o “Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora” (1911), dentre outros (NUNES, 2008, p. 215).

É possível perceber que o ensino particular dava-se em dois níveis – primário e secundário –, e, por isso, passava a prestar contas, por determinação legal, de suas atividades à Diretoria da Instrução, devendo ter condições físicas, materiais e humanas para que fosse efetivado o funcionamento. Entende-se que, enquanto as escolas públicas sentiam uma decadência numérica em termos de ensino secundário, as escolas particulares cresciam, inclusive no número de alunos matriculados (LIMA, 2013, p. 43).

Lima (2013) afirma que com o advento da Reforma Rivadavia, promulgada em 05 de abril de 1911, surgiu uma nova proposta: a oficialização novamente do ensino, fazendo reformas no currículo, mas não apresentou, de fato, atualizações. Sergipe procurou, mais uma vez, readaptar-se aos novos ditames. Assim, o ensino secundário foi reestruturado, passando o Estado a ter quatro cursos: Normal, Ginásial, Integral e Comercial.

Nas primeiras décadas da República, apesar dos discursos liberais difundidos pelo Estado, a organização educacional é permeada por alterações pouco significativas, uma vez que a grande parte da população continuava não é atendida, nem mesmo nas escolas públicas, e os índices de analfabetismo também continuavam são alarmantes. Altera-se, aos poucos, o significado que as instituições escolares passam a ter diante das contradições e ambiguidades entre os valores do avanço do capitalismo e do início da modernização social e econômica e os valores mais tradicionais, vinculados à sociedade aristocrática, oligárquica e patriarcal (FREITAS, 2002, p. 51).

Por esse cenário, Lima (2013, p. 43) lança o entendimento de que os resultados da Reforma não foram positivos, pois apenas o curso Ginásial funcionava satisfatoriamente, fracassando os demais níveis, principalmente o curso Normal para o sexo masculino e o curso Comercial, enquanto Nunes (2008) salienta que, contraditoriamente, a economia do Estado crescia e a capital estavam desenvolvendo-se em quase todos os aspectos, menos no educacional, que não acompanhou as mudanças estruturais que ocorriam no Estado.

Segundo Pimentel (2014), os estabelecimentos de ensino surgiram como locais de aprendizado como também de fontes de cultura. A partir de 1910, começaram a ser constituídos os grupos escolares, separando alunos por séries. Constrói-se um novo prédio para abrigar o Atheneu Sergipense, tradicional colégio público, criado nos anos setenta do século XIX, e a Escola Normal, primeiramente destinada ao sexo masculino e, depois, às moças, assim houve ampliação de vagas. Dantas (2004, p. 57- 58) explicita que, “por isso, a demanda foi sendo atendida, com a abertura de novas instituições, principalmente escolas particulares começam a surgir em Aracaju”.

Pimentel (2014) acrescenta, também, que as primeiras décadas do século XX foram consideradas como um marco para a educação sergipana, pois, além da população adquirir ciência da importância da higiene e do cuidado que deveria ter com as crianças, a elaboração do regulamento da Instrução Pública em Sergipe possibilitou a organização da educação infantil, além de abrir um leque de possibilidades para o crescimento da educação no Estado. Neste viés, emergiram as instituições públicas e particulares com a finalidade de educar a infância sergipana, e tanto essas como aquelas ajudariam ao Estado no caminho do desenvolvimento urbano, social e educacional.

Surgiram as escolas privadas na cidade de Aracaju. Inicialmente, o Colégio Nossa Senhora Santana, fundado por D. Possidonia Maria de Santa Cruz Bragança, em 1848, em Laranjeiras. Em 1899, a sua direção passou para Quintina Diniz de Oliveira Ribeiro, que no começo do século XX o transferiu para Aracaju. A instituição oferecia ensino particular feminino, internato, e externato, ensino primário e secundário. O currículo era composto de Português, Aritmética, Francês, Geografia, Ciências Físicas e Naturais, Noções de Pedagogia, História do Brasil e Piano. O colégio funcionou em Aracaju até dezembro de 1941 (FREITAS, 2003a, p. 41-48; 109).

Surgiu, em 1903, o Colégio Nossa Senhora de Lourdes, com sede em Aracaju, no Centro da cidade, mantido pela Congregação do Santíssimo Sacramento, com sede em Valence, na França. Funcionava por Decreto Federal e com inspeção permanente e tinha como objetivo a educação da juventude, ministrando o ensino dentro dos planos, leis e normas estabelecidas pela legislação em vigor, além de uma esmerada educação religiosa, moral e cívica. O colégio oferecia desde o Curso pré-primário até o Curso Normal e Científico, sob o regime

de internato e externato. Visava à educação da mulher, tendo como princípios de vida “a caridade, a vida oculta, o silêncio, a oração”, tudo o que pudessem ajudá-las a se constituírem devotas fervorosas a serviço da Igreja e de seus irmãos.

Figura 01 – Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903)



Fonte: Nunes, 2008.

Sobre essa instituição educativa, o pesquisador Miguel André Berger descreve, sucintamente, a dinâmica do Colégio quando diz que

A análise dos regimentos aprovados em 1952 e 1966 aponta modificações na organização administrativa e pedagógica do colégio, diante da abrangência das ações assumidas e a heterogeneidade do corpo docente, com a admissão de professores alheios à Congregação. Formas de controle e proibições são definidas para nortear a atuação docente e discente, não se atendo à melhoria dos aspectos pedagógicos, mas à conservação dos dogmas ultramontanos, em nome da moral cristã, bem como atender aos interesses da elite. O ensino pautava-se nos moldes tradicionais, sendo a exposição, a arguição e a prova os principais procedimentos. As aulas tinham a duração de 50 minutos. O dia letivo iniciava às 7h30, encerrando-se às 12 horas, sendo que a semana era composta de seis dias, iniciando-se na segunda-feira e prolongando-se até o dia de sábado. O período matutino era ocupado com aulas para desenvolvimento das disciplinas previstas na grade curricular do curso; no período vespertino, as alunas internas se ocupavam das disciplinas Educação Física, Trabalhos Manuais, das atividades de banca como reforço de aprendizagem. O turno vespertino também era reservado para o horário das visitas. Os familiares, quando vinham do interior, só podiam fazer visitas nesse período, para não atrapalhar as atividades didáticas. As disciplinas

Educação Física e Trabalhos Manuais eram ofertados no turno vespertino e seu pagamento não estava incluído nas taxas bimensais. O ensino de Trabalhos Manuais destinava-se a preparar a mulher para suas tarefas de mãe e esposa, capacitando-a para fazer seu enxoval e ser uma mulher “prendada” (2004, p. 151).

Já o Colégio Boa Esperança foi fundado em 1907, tendo como diretora a preceptora sergipana Mariana Braga. Era uma escola com ensino primário, internato e externato e com atendimento ao público feminino sergipano, jovens oriundas de famílias ligadas a pequenas empresas de comércio, funcionários públicos e intelectuais. Seu currículo era composto de Português, Francês, Aritmética, Geometria, Geografia, História Pátria e Sagrada, Inglês, Elementos de Ciências Naturais, Cosmografia, Caligrafia, Pedagogia, Desenho, Piano e Trabalhos de Agulha (FREITAS, 2003a, p. 49).

O Colégio Tobias Barreto, este era um colégio-internato que, embora tenha chegado a congregar mais de 100 pensionistas, sempre funcionou com instalações adaptadas para os serviços do internato. Foi fundado na cidade de Estância, interior do estado, no ano de 1909, pelo professor-diretor, José de Alencar Cardoso, e depois transferido para a capital em 1913, funcionando como internato e semi-internato masculino e externato misto. Explica Conceição (2014, p. 3), que quanto ao ensino, o Colégio Tobias Barreto mantinha o curso pré-primário e primário, o “Curso de Humanidades” que visava à preparação de candidatos aos exames finais (preparatórios) para admissão no Ateneu Sergipense, e a partir de 1933 o curso ginasial.

Relata Conceição (2014, p. 3):

O estabelecimento gozava de grande prestígio social adquirido pelo grande contingente de alunos egressos do colégio que alcançaram matrícula nas escolas superiores do país, além de contar com um prestigiado corpo de professores catedráticos do Ateneu Sergipense. Essa condição do estabelecimento alcançava os alunos, instituindo aos mesmos uma diferença social, um estatuto ou marca de certa superioridade, legitimados para de alto prestígio social.

Para Nunes (2008, p. 361), uma de suas características foi a militarização. Porém, em 1969, foi vendido ao Governo do Estado, passando, a fazer parte da rede de escolas públicas do estado.

Figura 02 – Colégio Tobias Barreto



Fonte: Nunes, 2008.

Em 15 de novembro de 1911, nasceu o Colégio Salesiano Nossa Senhora Auxiliadora. Dirigido pelo padre Giordano, que inaugurou em Aracaju, em terreno arenoso, consistente em duas quadras por ele compradas, um Oratório Festivo. Nesse mesmo ano, em uma casa alugada à Rua da Frente, pouco depois Avenida Ivo do Prado, em Aracaju, foi instalado com o título o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora. Em 1913, este fora transferido para a sede própria construída no antigo local do Oratório Festivo, onde ainda hoje permanece, à Rua Nossa Senhora das Dores (NUNES, 2008, p. 361).

Com o objetivo de atender aos filhos de famílias abastadas de Sergipe, os salesianos fundaram em 1911, o Colégio Salesiano N. S. Auxiliadora. Nele estudou filhos de usineiros, grandes comerciantes e políticos, filhos de famílias da alta sociedade sergipana e também de estados vizinhos. No entanto atendeu ainda filhos de famílias das camadas médias da sociedade e até alguns meninos pobres que conseguiram estudar na instituição pelo sistema de bolsas escolares. Na década de 1950 a instituição ainda trabalhava com sistemas de bolsa, completa (que contemplava 100% da mensalidade) e meia bolsa (que valia a metade do valor da mensalidade), que geralmente beneficiava os filhos das camadas médias. Os padres salesianos procuraram prezar por uma educação integral que contemplasse o

desenvolvimento intelectual, religioso, moral, estético e físico dos estudantes do Colégio, oferecendo aos mesmos, diversos meios de interação para que a educação fosse satisfatória (BONIFÁCIO, 2017, p. 186).

Figura 03 - A Igreja onde funcionava efetivamente o Colégio Salesiano



Fonte: Jornal "Correio do Colegial" (1938). Acervo do IHGSE.

Em 01 de março de 1938, o Colégio Jackson de Figueiredo foi inaugurado, constituindo em um novo espaço educativo em Aracaju para oferta do ensino primário, sendo no início destinado à população masculina. A princípio, funcionou na Rua de Itabaianinha e, posteriormente, na Praça Olímpio Campos. Sua inauguração foi amplamente divulgada na imprensa, a fim de comunicar o início das atividades e condições oferecidas pelo Colégio, ressaltando o atendimento às exigências da moderna pedagogia (BERGER, 2008). A instituição educativa funcionava no sistema de semi-internato misto e de internato exclusivamente para alunos do sexo masculino e sua missão voltava-se para ensinar e instruir a infância, pautando-se na valorização da moral e do amor à Pátria, conforme rezava o artigo primeiro do estatuto:

O Colégio Jackson de Figueiredo, no intuito de ensinar e educar a infância, esforçar-se-á quanto possível, para desenvolver em seus alunos, os germes da virtude, do dever, do amor ao trabalho e da educação cívica, sólidas bases em que se assenta a prosperidade da Pátria. O Colégio segue um programa idealizado para cercar os

alunos de um ambiente sadio e agradável, indispensável ao desenvolvimento da inteligência e do caráter.

O Colégio Jackson de Figueiredo era considerado, por sua fama, um estabelecimento elitizado, porque abrigava alunos das classes alta e média, havendo também casos onde os alunos que não tinham condições estudavam no colégio sem pagar nada, mas isso era apenas para alunos externos. A maioria dos alunos internos vinha do interior, sendo estes de famílias abastadas que mandavam seus filhos para estudar na capital porque lá só se estudava até o quarto ano primário pela falta de escolas (BERGER, 2008, p. 5).

Figura 04 – Colégio Jackson de Figueiredo



Foto extraída do Jornal "Correio do Colegial": Acervo do Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe.

Fonte: Jornal "Correio do Colegial" (1938). Acervo do IHGSE.

Outra instituição educativa criada foi o Colégio Patrocínio de São José. Fundado por religiosas em 1940, na cidade de Aracaju-SE, era uma instituição de caráter feminino confessional católico dirigida desde a sua fundação até os dias atuais pela Congregação das Irmãs Franciscanas Hospitaleiras da Imaculada Conceição. Mantinha, exclusivamente, o curso primário até junho de 1944, quando requereu a inspeção preliminar para o curso ginasial (SANTANA, 2003, p. 4).

A instituição educativa oferecia à sociedade os cursos primários, ginásial e escola normal progressivamente, de acordo com a legislação educacional e as contribuições dos agentes educativos envolvidos neste projeto.

Adentrando-se à pedagogia da instituição, o pesquisador Dilson Gonzaga Sampaio, em 2016, ressaltou em seu estudo que

[...] os professores foram esteios no projeto educativo do Colégio. Pode-se afirmar que a pedagogia desses agentes educativos da instituição favorecia o processo cultural das moças ao instruí-las de acordo com os métodos preconizados na época, em diferentes disciplinas passariam conteúdos de acordo com as orientações das autoridades de ensino. Assim, cabia aos professores, considerados a segunda família das alunas, fazer desenvolver nos seus sentimentos o amor à pátria e à Igreja (SAMPAIO, 2016, p. 146).

Acrescenta, ainda, o estudioso que o Estatuto do Colégio era o guia dos professores e das alunas no cumprimento de suas determinações disciplinares, visto que manter a urbanidade estudantil e administrativa era primordial.

Figura 05 – Colégio Patrocínio de São José (1940)



Fonte: Sampaio, 2016.

Contempla-se, também, o Colégio Pio X, a Associação de Ensino e Cultura Pio Décimo S/C Ltda., que foi autorizado a funcionar pela portaria nº 965, de 12 de novembro de 1954 do Ministério da Educação e Cultura reconhecido pela lei estadual nº 1.614 de 25 de novembro de 1968. A instituição manteve, inicialmente, o

Ginásio Pio Décimo, e posteriormente, intitulou-se Colégio Pio Décimo, denominação com a qual continua atuando, nos Ensinos Infantil, Fundamental, Médio e Profissionalizante.

No site da instituição, foi possível encontrar um pouco da sua trajetória:

A história da PIO DÉCIMO começa no dia 29 de maio de 1954, data da fundação do Ginásio Pio Décimo pelo Professor Joaquim Soares Lima, mais tarde transferido para os senhores Jamisson de Amaral e o Coronel Victor que dirigiram o Ginásio até a data que foi adquirido pelo professor José Sebastião que preocupou-se com a formação de um corpo docente que o dignificasse . No início com autorização do MEC, passou a oferecer o curso técnico em contabilidade (FACULDADE PIO DÉCIMO, 2017).

Em 17 de agosto do ano de 1967 o Professor José Sebastião dos Santos adquire o Ginásio que se encontrava em circunstância de decomposição, material, pedagógica e social. Matriculados 89 anos alunos dos quais 29 foram expulsos a bem da disciplina e ética. Enfrentando com coragem e fé, o Professor utilizou o método do “corpo a corpo” e levou o Ginásio para o desfile do sete de setembro com 319 alunos naquele mesmo ano. Mais tarde o Ginásio foi transformado em Colégio através da Resolução nº 01 do Conselho Estadual de Educação passando a oferecer o Curso Pedagógico e outros nas áreas de administração e comércio (FACULDADE PIO DÉCIMO, 2017).

Figura 06 – Colégio Pio X (1954)



Fonte: Jornal “Correio do Colegial” (1938). Acervo do IHGSE.

A criação do Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus deu-se em 1957, quando o bispo Dom Fernando Gomes nomeou o padre José Carvalho de

Sousa reitor do Seminário Diocesano “Sagrado Coração de Jesus”, encarregando-o da parte espiritual e pedagógica do seminário. Com a transferência de Dom Fernando Gomes para Goiânia, o seminário começou a enfrentar sérios problemas financeiros e o reitor teve a feliz ideia de fundar um educandário, projeto imediatamente aprovado pelo então bispo Dom José Vicente Távora. Nascia, assim, com apenas 7 alunos, o Educandário Diocesano S. Coração de Jesus, num pequeno prédio do seminário, situado na Praça Camerino, 181, passando a ginásio em 1960 e colégio em 1963.

Com a transferência do colégio para o prédio do seminário, na rua D. José Tomaz, 194, o número de alunos foi aumentando consideravelmente, favorecendo, com isso, o ingresso do sexo feminino.

A instituição preconizava “estar em sintonia com o seu tempo, participando, transformando, fazendo história, construindo o futuro, trilhando o caminho da construção coletiva, contínua e permanente, objetivando a formação do indivíduo”. E nessa trajetória, o Arquidiocesano reafirma o seu papel de esteio de uma sociedade civilizada, mantendo-se fiel aos seus objetivos iniciais: oferecer todas as condições para que seus alunos sejam pessoas felizes, capazes, dignas e fiéis seguidoras de Jesus Cristo.

Figura 07 – Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus (1957)

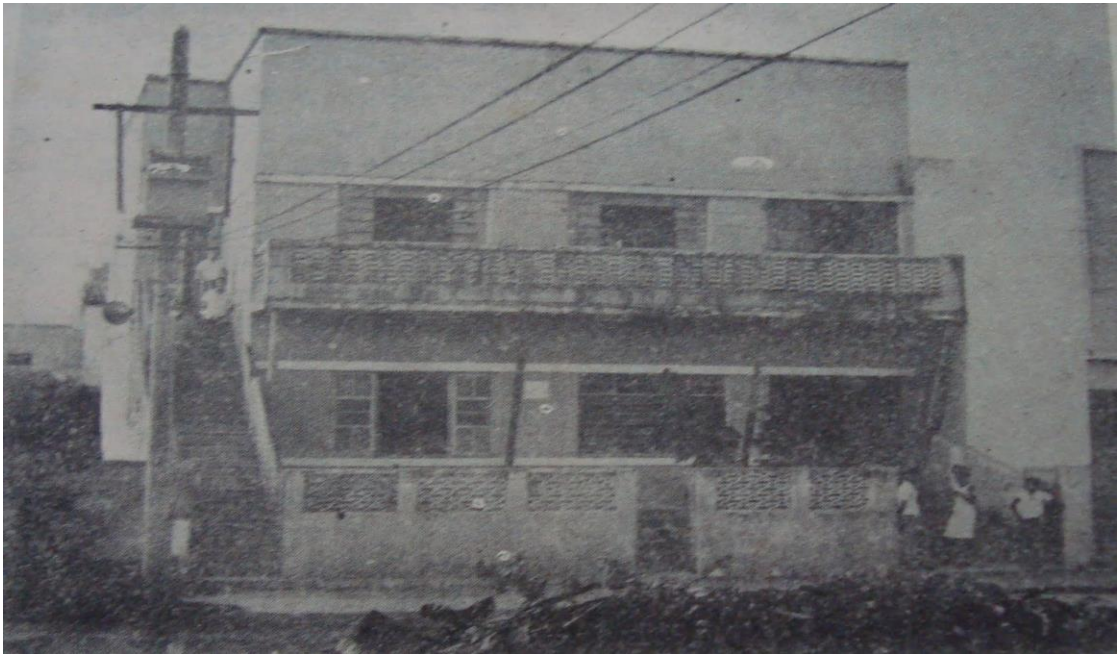


Fonte: Jornal “Correio do Colegial” (1938). Acervo do IHGSE.

O Colégio Tiradentes teve início em março de 1962, sendo inaugurado pelo professor Jouberto Uchôa de Mendonça. Localizava-se à Rua Laranjeiras, centro de Aracaju, depois foi transferido em definitivo para a Rua Lagarto, 264, oferecendo os

cursos de Primeiro e Segundo Graus, Profissionalizante - Pedagógico e Contabilidade.

Figura 08 – Colégio Tiradentes (1962)



Fonte: Jornal “Correio do Colegial” (1938). Acervo do IHGSE.

Eis, então, os colégios, dentre outros, que muito contribuíram para a educação sergipana e que fizeram parte – e alguns ainda fazem – da vida cultural e educacional de Sergipe, pois havia a preocupação de educar, formar o ser social e aperfeiçoar os hábitos – da atividade humana, individual ou coletiva – exigidos numa dada realidade social (LEAL, 2004). “Essas escolas eram as que mais se faziam presentes nos jornais locais com anúncios propagandísticos e editais sobre matrículas, convocação de reuniões, programação esportiva e cultural, aulas inaugurais, professores contratados ou aprovados em concursos de cátedra, etc.” (GRAÇA, 2002, p. 50).

Apesar de existir a sentença na Historiografia da Educação Sergipana, que delatava o caráter arcaico e ineficiente da educação por parte de educadores e intelectuais locais, as instituições educativas aqui apresentadas se evidenciavam na lembrança dos seus ex-alunos “como reduto de eficiência e garantia de sucesso profissional e pessoal” (GRAÇA, 2002, p. 50).

Pimentel (2014, p. 51) destaca que, nesse contexto, os colégios de cunho leigo ou religioso, fundados e mantidos por particulares, desde o final do século XIX,

tiveram um papel expressivo na formação dos jovens da elite sergipana. Essas instituições educativas [...] “formavam a vanguarda do pensamento educacional pela adoção de modernas técnicas de ensino, pelo impulso dado ao estudo da ciência e pela ênfase emprestada às línguas modernas” (NASCIMENTO; FREITAS; VILAS-BÔAS, 2003, p. 60).

Faz-se possível considerar que as escolas privadas eram responsáveis pela formação de parcela significativa da população em idade escolar, e, no processo de modernização da sociedade, “as exigências do mercado de trabalho e as expectativas em torno de uma possível ascensão social, através da escolarização, tenham motivado algumas famílias a investirem de forma estratégica na educação de seus filhos” (FREITAS, 2003a, p. 60), hipóteses essas que permitem o entendimento de que a educação do Estado propagou-se e várias outras escolas começaram a surgir. Nesse cenário, tem-se o surgimento do Instituto Senhor do Bomfim.

2.1 Do Aribé ao Siqueira Campos: o surgimento do progresso em Aracaju

A matéria publicada na edição de 31 de março de 1998, no Jornal da Cidade², conta que a cidade de Aracaju não ia além do “Curral”, um local onde as prostitutas doentes terminavam seus dias de forma melancólica. Só havia mato, não existia moradia e somente a partir de 1928, veio a se ter notícias do surgimento de alguns casebres. Era o início, não propriamente dito, do bairro Siqueira Campos, mas do Aribé, o primeiro nome do bairro.

Segundo a matéria, Maria Aribé, foi uma mulher que explorava a indústria de cerâmica empregando a melhor matéria-prima dos barrancos do Bairro Vermelho. Tornara-se conhecidíssima pelo esmero e boa qualidade das panelas, aquidais, moringas etc., da sua aprimorada fabricação. Os tempos se passaram, e eis que apareceu o dinâmico Intendente da Capital, Téophilo Dantas, o qual ordenara o levantamento da planta daquelas paragens pelo auxiliar de engenheiro do Município – Basílio Peralva. A planta foi levantada e batizada com o nome de Aribé. E assim ficava, por muito tempo, em homenagem àquela mulher, até o dia em que o ex-intendente Camilo Calazans mudara de nome para Siqueira Campos. Relata o

² Matéria escrita por Valéria Mendonça intitulada “De Curral a portão da cidade”, no Jornal da Cidade, em 31 de março de 1998.

Sergipe Jornal (1956) que, Siqueira Campos³ foi apenas um idealista revolucionário, assim como Maynard Gomes, por um regime mais moralista e nada mais para os sergipanos. Então, havia o questionamento: Por que tamanha ingratidão com a pobre pardavasca que tão acertadamente recebera o nome de bairro a que dera a vida? Por fim, a matéria declara: “Maria Aribé, por onde você estiver, pode contar com a solidariedade dos aracajuanos da velha-guarda, que sempre protestaram em surdina contra a ingratidão dos homens públicos que substituíram o seu cognome por outro, naquele populoso bairro, deixando no esquecimento o exemplo mais frisante da honradez e do trabalho”.

O trabalho pioneiro dos devastadores que decidiram avançar para o lado oeste da cidade foi consideravelmente importante para o crescimento de Aracaju.

³ Em 1998, comemorou-se o centenário do nascimento do tenente Antônio Siqueira Campos, o militar e político brasileiro, que nasceu em Rio Claro, São Paulo, em 18 de maio de 1898 e chegou a ser líder dos chamados “tenentes” da Revolução de 1930 (JORNAL DA CIDADE, 1998). Siqueira Campos foi um dos 18 do Forte de Copacabana, em 1922, e por sua bravura recebeu homenagens em diversas capitais. Em Aracaju, ele teve o nome atribuído ao bairro Siqueira Campos, o antigo Aribé, tido como um dos mais antigos e mais populosos, considerado porta para a cidade e destaque entre os demais bairros em função de sua importância econômica no desenvolvimento da capital. Conta o jornalista e historiador Glauco Carneiro, autor do livro “O revolucionário Siqueira Campos”, que a ausência do tenente Siqueira é, talvez, o fato mais marcante para toda a história. Com ele vivo, Getúlio Vargas não teria ascendido ao poder. Com ele, o comunismo no Brasil não teria atraído e se avolumado tanto com militantes tenentistas desiludidos dos rumos da Revolução Liberal. Militar, concluiu o curso da Escola Militar do Realengo, no Rio de Janeiro, em 1918. Foi um dos líderes, em julho de 1922, da revolta do Forte de Copacabana, no Rio de Janeiro, contra o governo federal, que deu início aos levantes tenentistas que marcaram a década de 20 no Brasil. Nessa ocasião, foi gravemente ferido. No ano seguinte, após deixar a prisão em virtude de um habeas-corpus concedido pelo Supremo Tribunal Militar (STM), exilou-se no Uruguai. Dedicou-se, então, às atividades de comerciante em Montevideu e, posteriormente, em Buenos Aires. Em 1924, retornou clandestinamente ao Brasil e retomou as atividades revolucionárias sublevando uma guarnição do Exército em São Borja (RS). Em seguida, juntou-se ao grupo de rebeldes liderados por Luís Carlos Prestes que haviam se levantado contra o governo em outros pontos do interior gaúcho. Derrotados, seguiram para o Paraná, onde se juntaram às forças que haviam sublevado a capital paulista sob o comando do general Isidoro Dias Lopes e pelo major da Força Pública paulista, Miguel Costa. Da junção desses dois agrupamentos, em abril de 1925, surgiu a Coluna Prestes, que percorreu cerca de 30 mil quilômetros pelo interior do Brasil em campanha contra o governo de Artur Bernardes. A Coluna dividia-se em quatro destacamentos, cabendo a Siqueira Campos o comando de um deles. Em fevereiro de 1927, após quase dois anos de marcha, os revolucionários resolveram interromper a luta armada e se internaram em território boliviano. Siqueira Campos, em seguida, fixou-se em Buenos Aires, dedicando-se a reagrupar os revolucionários brasileiros exilados na Argentina e no Uruguai. Para solucionar as dificuldades financeiras enfrentadas pelos conspiradores, propôs pedir ajuda à Internacional Comunista, proposta que foi rejeitada pelos demais líderes, inclusive por Prestes. No final da década, realizou algumas viagens clandestinas ao Brasil com o objetivo de aliciar jovens militares para a causa revolucionária. Em 1929, iniciaram-se os entendimentos entre os militares rebeldes e políticos dissidentes que formaram a Aliança Liberal com o objetivo de impedir que Washington Luís fizesse seu sucessor na presidência da República. Apesar das restrições que fazia a uma aliança com representantes das oligarquias que por anos havia combatido, Siqueira Campos foi designado para preparar um levante na capital paulista. Descoberto pela polícia foi obrigado a fugir. De volta a Buenos Aires, tentou, em vão, convencer Prestes a apoiar o movimento, ainda que concordasse com várias das restrições que esse fazia aos membros da Aliança Liberal, incluindo o próprio Getúlio Vargas. Morreu em maio de 1930, antes de a revolução ser deflagrada, quando o avião em que retornava ao Brasil caiu nas águas do rio da Prata.

Muitos deles foram os índios, pessoas ligadas ao candomblé ou os operários da fábrica de pratos rasos. Tem-se o registro de um funcionário da Leste⁴ chamado Maximiano Geraldo de Oliveira, que morreu aos 87 anos e que afirmava ter sido sempre morador das redondezas. Além dele, fala-se de uma preta velha conhecida como Maria das Vacas já andava por àquelas bandas desde o tempo do imperador; de Avelino dos Santos Ribeiro, o primeiro delegado de polícia; Mariano Salmeron Navarro, um espanhol que deu início ao loteamento e posse de terras no Aribé.

A população do bairro era constituída por operários e comerciantes, formação que consegue até os dias de hoje dar vida própria à região numa dinâmica do cotidiano particular, porém não individualizada. Comenta-se que lá, todos se conhecem ou já ouviram falar uns dos outros. Cada rua tem sua particularidade entre os moradores que chegam, os que ficam e os que já passaram pelo local.

Entre os nomes de ruas, apenas Bahia e Pernambuco foram conservados até os dias atuais, mas outras ruas apareceram, formando um complexo de 56 ruas, das quais 15 recebem os nomes de estados brasileiros.

Por muito tempo, o bairro foi detentor de vários espaços culturais importantes para a sociedade da época. O principal ponto de encontro era no cinema Vera Cruz ou no cinema Siqueira Campos, que passou a se chamar Plaza, depois de vendido. As linhas de bonde ou as antigas marinetes faziam a comunicação do bairro com as demais áreas da cidade. São lembranças que sofreram com o reflexo da modernidade, que tomou do Aribé.

Hoje, os cinemas já não existem mais. Os que não foram fechados pelo tempo foram substituídos por templos evangélicos, e os bondes e marinetes deixaram o serviço por conta dos ônibus, táxis e lotações, que fazem os mais diferentes trajetos durante todo o dia.

No setor comercial, tem-se um número expressivo de empresas ativas, isto sem esquecer os pontos de prestação de serviço, indústria e comércio informal. Entre essas, cita-se a Colmeia Nosso Lar, uma instituição que abriga crianças carentes da capital e que foi idealizada por Sílvio Santos. Hoje, tem o nome de

⁴ A Companhia Leste Brasileiro localizava-se na Avenida Coelho e Campos, próxima ao antigo cais do porto da Rua da Frente. Os trilhos dos trens chegavam até o maior trapiche de Aracaju, o famoso Trapiche Brown, onde os comboios de carga descarregavam as mercadorias que chegavam, e carregavam açúcar, sal, coco e outros produtos que vinham em canoas, barças e saveiros, e que seriam exportados para a Bahia. Era uma construção com linhas arquitetônicas simples, como a maioria das estações ferroviárias da época, ladeada por extensas plataformas (MELINS, 2007, p. 183).

Fundação Lívio Pereira, que realiza diversos atendimentos diariamente à comunidade. Eis uma obra assistencialista com base no espiritismo que, aliada a outras instituições, compõe o cenário religioso do Siqueira, onde existem 12 instituições religiosas entre igrejas evangélicas, templos diversos e a igreja católica Nossa Senhora de Lourdes, uma das mais antigas e até hoje localizada na Praça Dom José Thomas.

E por falar nesta praça, concentra-se nela a feira livre do bairro, a conhecida feirinha da “Sulanka”, composta por ambulantes que circulam por todos os bairros da capital, comercializando roupas, calçados, utensílios domésticos e uma infinidade de objetos a preços populares.

O sistema de transporte coletivo é de bom atendimento, pois de qualquer ponto se pega um ônibus para outro ponto da cidade, ou mesmo para o próprio bairro, hoje muito maior do que há algumas décadas.

A água chegou ao bairro em 1962, no governo de Luiz Garcia, antes só existia a luz elétrica e as ruas do bairro eram imensos areais, sem pavimentação. As mudanças chegaram para trazer o progresso para o antigo Aribé.

O espanhol Mariano Salmeron Navarro, grande latifundiário, na década de 40 foreou parte de sua propriedade (que não era pequena, pois se existisse atualmente, ela iria da Avenida Rio de Janeiro até a Rua Paraíba) a fim de contribuir para o crescimento do bairro e da sua população.

Para contribuir também com a alfabetização dos moradores do Siqueira Campos, em sua maioria vindos do interior do Estado em busca de prosperidade, em 1960 entrou em funcionamento o Grupo Escolar Getúlio Vargas, que em 1962 se tornou Ginásio Presidente Vargas. Atualmente, o bairro dispõe de nove escolas da rede pública municipal e outras cinco estaduais.

O inchaço do centro da cidade transformou a vida familiar do bairro, tornando-o aceleradamente num próspero receptor de escolas, templos religiosos, lojas, oficinas, postos de saúde, sendo um do estado e nove do município e uma infinidade de investimentos que fizeram dele a “menina dos olhos” de diversos governos, pois durante muitos anos, ele foi a entrada principal para a cidade conservando ares de progresso e jovialidade.

Para Nascimento (2016), o bairro Siqueira Campos remete-se à homenagem que o General Augusto Maynard Gomes, quando Interventor Federal de Sergipe, no período de 1930 a 1935, prestou ao militar, revolucionário e político brasileiro,

Antônio de Siqueira Campos (1898 — 1930). Siqueira Campos, como ficou nacionalmente conhecido, participou do movimento tenentista, da Revolta dos 18 do Forte de Copacabana, em julho de 1922 e da Coluna-Prestes, movimentos políticos e sociais que defendiam a instituição do voto secreto, a moralização das eleições e a criação da Justiça Eleitoral para administrar as eleições no Brasil.

Esse pedaço da cidade já era conhecido desde os albores da cidade, pois, lá para as bandas do Barro Vermelho, atual Avenida Santa Gleide, havia a olaria de Maria Aribé, que produzia tijolinhos e telhas artesanais de cerâmica vermelha, cujos produtos foram utilizados nas primeiras construções de alvenaria de Aracaju. Por essa razão, o lugar ficou conhecido como Aribé, que mais parecia um povoado, já que, nessa época ainda não se falava de bairro, como parte da cidade urbanizada (NASCIMENTO, 2016, p. 1).

De acordo com o autor,

Quando a Rede Ferroviária chegou a Aracaju, lá pelos idos de 1915, foram construídos galpões para as oficinas que consertavam as locomotivas Maria Fumaça e os demais equipamentos ferroviários, ao que o povo foi substituindo o nome Aribé, pelo de Oficinas, mas que chamavam de “Zoficinas”. Nessa área ferroviária havia a triagem dos trilhos dos trens que se destinavam para a estação localizada na área do Mercado Antônio Franco e para o norte, em demanda até Propriá, passando pelas estações de Cotinguiba, em Nossa Senhora do Socorro; Laranjeiras; Riachuelo; Maruim; Carmopolis; Japaratura e pelos pontos de Murta, Malhador, Cedro de São João, resfolegando-se até Propriá, cuja estação foi inaugurada em 1920. E, para o sul, com destino a São Cristóvão; Itaporanga d’Ájuda; Salgado; Boquim; Pedrinhas; Itabaianinha, até a chegada à estação de Calçada, em Salvador.

Nos anos de 1940, quando foi inaugurado o prédio da nova estação ferroviária, um monumental exemplar da arquitetura moderna, seguindo o traço arquitetônico de Altanesc, o nome “Zoficinas”, foi dando lugar ao nome oficial de Siqueira Campos. Surgiram, em torno da atual Praça dos Expedicionários, alguns bangalôs pertencentes à Viação Férrea Federal Leste Brasileiro, ocupados por funcionários graduados da empresa ferroviária, além de outras casas para residências de ferroviários. Construiu-se uma passarela sobre os trilhos da ferrovia, dando acesso ao outro lado, principalmente ao Mercado Municipal, a que o povo chamava de “Feirinha do Aribé”; conhecida, também, como “Feirinha das Zoficinas”, que funcionava com maior número de feirantes, aos sábados, pela tarde. A essa feira, acorriam pessoas do próprio Bairro Siqueira Campos e das ruas São Cristóvão e Laranjeiras, entre outras.

Com a chegada da “Estação Nova”, como passou a ser chamada a estação de trens, o Bairro Siqueira Campos foi ocupado, paulatinamente, por pessoas de baixa renda provindas do interior do estado, que fugiam principalmente da seca e dos conflitos provocados pelo legendário bandido social Lampião, além de prestadores de serviços, artesãos e mecânicos. Então, instalaram-se oficinas mecânicas para consertos de automóveis; com o desenvolvimento da indústria automobilística brasileira, projetaram-se concessionárias de veículos e lojas de autopeças.

Em 9 de agosto de 1953, publica-se no Jornal A Cruzada, uma matéria com o título de “Melhoramentos no Bairro Siqueira Campos” em que são relatadas as realizações do governo do engenheiro Jorge Campos Maynard, prefeito do município de Aracaju, em prol da comunidade. Foi construída e inaugurada, em 19 de julho, uma moderna lavanderia, batizada com o nome de Nossa Senhora de Lourdes, em honra à santa padroeira daquela paróquia. Sendo do conhecimento público, o ato que foi assistido por mais de 2.000 pessoas, contou, também, com a presença de individualidades dos círculos sociais e representativos desta capital, autoridades civis e militares, federais, estaduais e municipais. A benção do melhoramento e a entronização da imagem de Nossa Senhora de Lourdes, foram oficiados por Dom Fernando Gomes, digníssimo Bispo da Diocese. Ofertando ao povo do Siqueira Campos essa importante obra de utilidade pública, o prefeito Jorge Campos Maynard proferiu o seguinte discurso que, à guisa e a tantas e quantas oportunidades ocorreram, de prestação de contas de sua administração e para que a opinião pública:

Tenho a grande satisfação de entregar ao povo do Bairro Siqueira Campos a Lavanderia N. S. de Lourdes, nome dado em homenagem à excelsa padroeira deste bairro.
 Esse nome foi muito bem recebido pela população, e disso tive conhecimento, através de diversas manifestações a respeito.
 Sem dúvida, êle também encerra uma homenagem ao próprio povo do Siqueira Campos, uma vez que é o da sua padroeira.
 Agradeço às associações religiosas e ao povo católico da paróquia, estando à frente o prezado Monsenhor João Moreira Lima, seu incansável vigário, a oferta da linda imagem que aquí está, para que todos sintam mais vivamente a presença de sua protetora.
 Desde que tive a insigne honra de ser escolhido para Prefeito desta Capital, tenho me preocupado em criar serviços e fazer obras de real interesse para o povo.
 Deus tem me ajudado, de modo a poder apresentar alguma cousa ao povo de Aracaju, depois de pouco mais de um ano de Governo Municipal, e tem me dado ânimo e coragem para tomar atitudes firmes, em defesa do que me foi confiado.

O vosso bairro tem recebido diversos benefícios, como passo a relatar.

Apesar de ser ainda deficiente, ninguém poderá negar que o serviço de transporte urbano melhorou neste último ano. Com a cooperação do Inspetor Rubens Campos, da Prefeitura, e do Major Temístocles, ex-Inspetor de Veículos, conseguimos organizar, na medida das possibilidades locais, um serviço que tem atendido regularmente à cidade. A criação de ramais com itinerários certos e a distribuição equidosa dos veículos coletivos, encorajaram a criação de novas linhas, que vieram beneficiar diversos bairros.

Aquí mesmo, em Siqueira Campos, além do aumento do número de veículos, foram criadas as linhas do Matadouro, pela rua Maranhão e Núcleo Agamenon Magalhães; a circular pela rua Paraíba; e a linha do Bairro América.

Nos outros bairros, foram criadas as linhas da Cidade Nova, Joaquim Távora, suíça e Grageru (JORNAL A CRUZADA, 1953).

Em prol da educação, o prefeito Jorge Campos Maynard, ainda em 1953, também realizou benfeitorias para a população do bairro Siqueira Campos, bem como para toda a cidade de Aracaju. Declarou-se:

Para atender aos estudantes dos cursos noturnos de importantes estabelecimentos de ensino, conseguimos ônibus, partindo de horas próprias, da Praça Camerindo.

Havia na Prefeitura apenas 3 ônibus matriculados; atualmente, há 11 lotações e 24 ônibus legalizados.

Foram eliminados numerosos “passes” nesses coletivos, ficando apenas os dos fiscais, em número muito reduzido.

No Jardim de Infância, cujo prédio encontrava-se muito estragado, foram feitos substanciais reparos e pintura geral. Consertados os brinquedos doo Parque Infantil, instalada uma cozinha, adquiridos todo o mobiliário e os utensílios necessários à distribuição de uma sopa escolar.

Com a ajuda de sua dedicada Diretora, D. Maria Ávila e distintas professoras, conseguimos fazer do jardim de Infância, uma exemplar casa de ensino. Frequentes e animadas festas infantís mantem a alegria das crianças. Adquiriu-se abundante material didático, assim como medicamentos para o gabinete dentário.

Como consequência dos melhoramentos introduzidos e do zêlo do seu corpo docente, a matrícula cresceu auspiciosamente este ano, atingindo agora a quase 300 crianças.

A sopa é distribuída diàriamente a todas elas.

A fim de melhor atender às necessidades educacionais, foi desdobrada a Escola Abílio Hora, da rua Rio Grande do Sul, o que equivale à criação de uma nova escola. Já foi iniciada a construção do prédio para a escola do Bairro América. Pretendemos iniciar muito breve a construção do prédio para a Escola Oscar Nascimento, na rua Maranhão (JORNAL A CRUZADA, 1953).

O bairro contava com cinco escolas municipais, funcionando todas em dois turnos e uma em três, com a matrícula de um número significativo de alunos, inclusive os do Jardim de Infância, em todas as escolas municipais.

Para atender ao posto médico do bairro, que se achava sem assistência médica, foi designado o Dr. Adel Nunes que, com dedicação, desempenhou a sua missão.

Ainda sobre o crescimento do bairro, foi construída pela Prefeitura a estrada de acesso ao Núcleo Residencial Agamenon Magalhães, pela Rua Alagoas, local onde foram necessárias algumas desapropriações. Descreveu o Prefeito:

Todos os moradores deste bairro têm acompanhado o intenso trabalho da Prefeitura nas ruas Rio Grande do Sul, Bahia, Goiás, Paraíba, Paraná, Amazonas e outras.

Faz-se drenagem, regular movimento de terra e coloca-se espesso revestimento de piçarra em todas estas ruas, consertando-se também bueiros e pontilhões. Esses serviços estão a cargo do Sr. Rubens Campos.

Extensa vala de drenagem foi feita nas imediações do Núcleo Residencial Agamenon Magalhães, em colaboração com o serviço de Malária. Foram restauradas valetas em diversas ruas.

Instalaram-se bombas para o abastecimento d'água nas ruas Goiás e Paraíba.

Por fim, construímos a Lavanderia N. S. de Lourdes, que ora inauguramos. O projeto é de autoria do arquiteto Sérgio Silva e a condução da obra coube ao Sr. Vergniaud, ambos da prefeitura.

Todo o trabalho foi executado por servidores municipais, ficando mais uma vez provada sua capacidade. A todos êles, o meu sincero agradecimento (JORNAL A CRUZADA, 1953).

O Bairro Siqueira Campos necessitava de um melhoramento público deste gênero, útil para a população mais pobre. E com a lavanderia foi construída uma cisterna, onde a água é abundante, ficando assim atendido também outro desejo do povo.

Foram estes os trabalhos executados no Bairro Siqueira Campos.

O Bairro Siqueira Campos, um dos maiores e mais populosos bairros da cidade de Aracaju, é considerado como o bairro com maior praça comercial de Aracaju, tendo uma diversificada rede varejista e de serviços, além de dispor de uma praça bancária expressiva. Por estar próximo a uma das principais vias arteriais de Aracaju, a BR-235, especializou-se em setores como equipamentos agrícolas e produtos veterinários. Além desses significativos fatores, o bairro também contempla

várias indústrias, prestação de serviços hospitalares, clube esportivo e festas culturais (NASCIMENTO, 2016, p. 2).

Nesse contexto, a seguinte consideração é corroborada por Justino de Magalhães (2004), quando em seus escritos diz:

A instituição educativa apresenta uma identidade que não varia significativamente com as circunstâncias geográficas ou com as circunstâncias históricas. É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura escolar interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. Deste modo, ainda que segmentadas e especializadas, articuladas ou não de forma sistêmica, as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na relação com o contexto (MAGALHÃES, 2004, p. 68).

Fazer um apanhado sobre o cenário educacional na cidade de Aracaju, no período de 1952 a 1967, é conhecer fatos e acontecimentos os quais exerceram influência na história e no funcionamento da escola, como leis, decretos e resoluções, e que estabeleceram relação com a existência do Instituto Senhor do Bomfim.

Em um trecho do poema⁵, de Antônio Corrêa Sobrinho, transcrito abaixo, onde fez uma linda homenagem no Livro *Meras Impressões* (2006) relatando a história e o desenvolvimento econômico do bairro, além dos relatos pessoais da sua infância, além de destacar o Instituto Senhor do Bomfim,

*A cidade passa por ele,
pelo bairro Siqueira Campos,
ou Aribé, se quiser,
que também já foi as Oficinas,
dos meus primeiros anos,
tabuleiro, pobre recanto,
de gente simples, operária,
de ruas que encontrei nuas,
poeirentas e esburacadas,
de casas frágeis, estreitas,
ricas de carências e filhos,
indignas quando tomadas pelas águas das chuvas malvadas.*

[...]

*dos **colégios Senhor do Bonfim** e Walter Franco,
do Cristo Rei e Dom Fernando Gomes, do Getúlio Vargas,*

⁵ Não foi identificado o nome do poema.

*do Costão, do General Siqueira,
do Jardim de Infância, de dona Eulina,
do Rodrigues Dórea, da casa de dona Leonor,
quem primeiro me ensinou.
Aribé dos meus primeiros anos.*

Nesse contexto, insere-se o Instituto Senhor do Bonfim, fundado em 1952, localizado no Bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe. Na pesquisa pôde-se perceber que a instituição educativa muito contribuiu para o progresso educacional, político e econômico, do bairro, além de possibilitar a análise da história e da memória dessa escola enquanto contribuinte de papel importante para a educação sergipana. São palavras de Santos (2017, p. 22),

Entender uma instituição educativa é entender o seu entorno, as suas histórias anteriores. Uma instituição educativa pode até ser fruto de atos normativos, contudo é também o seu produto, ou seja, os alunos ali formados, uma vez que esses estão envolvidos em uma comunidade, dentro de uma cultura que é própria daquele local, composta por indivíduos que tem um modo de viver e entender o mundo de forma própria.

A estudiosa é validada por Magalhães (2004, p. 147) quando ressalta que “[...] a história de uma instituição educativa traduz-se na construção de uma identidade cultural e educacional, que resulta da articulação do itinerário histórico com o modelo educacional”.

2.2 A criação do Instituto do Senhor do Bomfim

O campo da história das instituições educativas possibilitou o encontro de importantes detalhes que auxiliaram em uma melhor compreensão da identidade seja cultural, política, social e educativa da instituição estudada. A partir destas possibilidades de estudos, foi possível adentrar em seus aspectos estruturais, razão pela qual, perfaz-se importante conhecer a sua história, quem foram os seus agentes educativos, os motivos que levaram à sua criação, além de identificar sua materialidade e suas ações as quais foram concebidas no campo educativo. Saber quais diretrizes seus fundadores implementaram a fim de consolidar a instituição como espaço essencial de instrução. Esses são os fios tecidos na investigação

sobre a realidade a ser historiada, bem como compreender como se deu o processo de organização e funcionamento dessa escola.

Marca também a história dessas instituições a participação do poder público no espaço privado, sobre apontamentos legais, fiscalizadores e disciplinares. Partindo disto reflete-se que essa participação muitas vezes se concretizou em parcerias entre o Estado e a instituição, a partir das mais variadas formas de auxílio.

Hoje, os aprendizados sobre instituições educativas retratam uma temática apreciável entre os estudiosos, essencialmente no âmbito da História da Educação. Tais estudos privilegiam os acontecimentos dentro da escola em suas várias facetas, ou seja, analisam o cotidiano, o que se passa dentro dos locais de ensino, permitindo assim ter conhecimento das unidades escolares em todas as suas nuances, configuram-se como pontos indispensáveis ao estudo de uma instituição educativa.

Analisar o interior de uma escola se desenha num fazer profundo e desafiador, por se entender que cada instituição é um campo de ação de personagens individuais e ao mesmo tempo, coletivos, dotados de interesses, confiança, procuras, conquistas e derrotas, e inseridos em um determinado cenário político e socioeconômico. Tem-se um espaço de alteridades, com normas discernidas de funcionamento: docentes, discentes, administração, regulamentações, ou seja, um encadeamento de mediações que se ecoam no ambiente escolar e que poderão gerar ou não conflitos.

Nesse sentido, a pesquisa tem que absorver todas as exigências de análise, seja ela, organizacional, estrutural, social e política. Os estudiosos que se concentram no arcabouço da História das Instituições Educativas inquietam-se ao confessar que:

[...] o olhar centrado nas organizações escolares não deve servir para excluir, mas antes para contextualizar todas as instâncias e dimensões presentes no ato educativo. É esta capacidade integradora que pode conceder à análise das organizações escolares um papel crítico e estimulante, evitando uma assimilação tecnocrática ou um esvaziamento cultural e simbólico (NÓVOA, 1992, p. 20).

Tem-se, então, pelos estudiosos da História da Educação, o intuito em se aprofundar na história das instituições educativas, por entenderem que é possível

extrair o real sentido da sua existência e compreender o seu significado histórico. Necessariamente, adquirir o entendimento do momento histórico em que elas foram construídas, ou seja, das profundas transformações econômicas, políticas, sociais, culturais e educacionais. Nesse sentido, amplia-se o entendimento ainda mais sobre a real função de uma instituição educativa:

Investigar o processo de criação e de instalação da escola, a caracterização e a utilização do espaço físico (elementos arquitetônicos do prédio, sua implantação no terreno, seu entrono e acabamento), o espaço do poder (diretoria, secretaria, sala dos professores), a organização e o uso do tempo, a seleção dos conteúdos escolares, a origem social da clientela escolar e seu destino provável, os professores, a legislação, as normas e a administração da escola. Estas categorias permitem traçar um retrato da escola com seus atores, aspectos de sua organização, seu cotidiano, seus rituais, sua cultura e seu significado para aquela sociedade (BUFFA, 2002, p. 27).

Traça-se um então cenário em que o caminhar, o correr e o andar faz com que os espaços sejam preenchidos pela vida e apareçam, embora o caminhar como uma apropriação também desloque significados em tais espaços pela invenção de outros usos. A escola caracteriza-se, portanto, como uma instituição contemplada por uma diversidade onde os atores envolvidos representam papéis que são passíveis de análise. As discussões devem se posicionar no domínio do entendimento desses processos e, como tal, nas relações que se instauram e vão se avivando no decorrer da realidade das instituições, desde o seu princípio, progresso e vicissitudes que a tenham influenciado.

Portanto, conforme reitera Justino de Magalhães, “historiar uma instituição educacional é compreender e explicar os processos e os compromissos sociais como condição instituinte de regulação e de manutenção normativa, analisando os comportamentos, representações e projetos de sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto” (MAGALHÃES, 2004, p. 58). Celebra-se, então, que pesquisar uma instituição educativa é uma maneira de aprofundar os estudos na filosofia, na cultura e na História da Educação, propriamente dita, pois as instituições estão dotadas de valores e apropriações das políticas educacionais que deixaram traços na escola. Quando se há a delicadeza em conduzir um deliberado estudo, possível será “a superação da dicotomia entre o particular e o universal, o específico e o geral, o concreto e o abstrato, a história e a filosofia” (PIMENTEL, 2014, p. 53).

E nesse entretecer de pensamentos acabados e de produção de mais pensar, compreende-se que é também no estudo da instituição educativa que se pode desvendar o segredo para superar os grandes estudos teóricos que não contemplam, de fato, o cotidiano escolar e sim, a realidade empírica, “porque lá está presente a filosofia, a cultura educacional da sociedade que criou e manteve aquela instituição” (BUFFA, 2002, p. 25 – 27).

Apreende-se, então, que a essência histórica de uma instituição educativa por ser despida, conforme o entender de Justino de Magalhães (1998), em momento em que há a inclusão de informações sobre dois pilares: os alunos e seu perfil sociocultural e os professores com seus registros pessoais e seus formatos pedagógicos. Não obstante, o estudioso acrescenta que os sujeitos não são apenas os discentes e os atores não são apenas os docentes e gestores: há uma relação complementar entre as ações de cada um na evolução histórico-educativa. Por assim, interpreta-se que “as instituições educativas e por consequência a sua história constituem a representação discursiva, memorística e antropológica das mais complexas dialéticas educacionais” (MAGALHÃES, 1998, p. 64).

Reconhece-se o papel fundamental da historiografia da educação quando se posiciona a frente desses desafios e permite novos olhares a respeito da história das instituições. Olhares estes que, embasados nos célebres autores e no rumo da instituição de ensino, pretendeu-se analisar a história e a memória do Instituto Senhor do Bomfim bem como o seu contributo para a educação sergipana.

Todavia, percebe-se que uma pesquisa de cunho investigativo como essa, só se torna realizável através das relações estabelecidas entre a instituição e a sua localização, a sua população, os seus valores e a sua importância para si e para todos que fizeram parte dela por todos esses anos. A essência desse estudo está nas entrelinhas da vivência de todos os sujeitos que conheceram o Instituto Senhor do Bomfim, bem como na natureza da sua criação, do seu funcionamento, das suas práticas cotidianas, dos seus saberes construídos e consolidados por esta instituição ao longo da sua existência.

Acentua Justino de Magalhães (1998, p. 68):

A instituição educativa apresenta uma identidade que não varia significativamente com as circunstâncias geográficas ou com as circunstâncias históricas. É, porém, na relação que estabelece com o público e com a realidade envolvente, na forma como a cultura

escolar⁶ interpreta, representa e se relaciona com o contexto na sua multidimensionalidade, como na medida em que o público se apropria e se relaciona com as estruturas e órgãos de uma mesma instituição, que as instituições educativas desenvolvem a sua própria identidade histórica. Deste modo, ainda que segmentadas e especializadas, articuladas ou não de forma sistêmica, as instituições educativas desenvolvem uma identidade com base na relação com o contexto.

Atado a esse pensar, foi possível compreender que o advento da urbanização se deu como importante, pois se constituiu em um dos elementos que necessita ser enaltecido sempre que haja referência à educação, por me remeter às repercussões sociais, políticas e econômicas. Declara Nagle (1974, p. 24) que “não só as influências citadinas se estendem como se diversificam as funções e se alteram os tipos de organização – as cidades representam verdadeiras oficinas de civilização”.

No início do século passado, a educação no Brasil passou por significativas transformações que visavam atender as necessidades de um país que vislumbrava acompanhar a modernidade europeia e norte-americana. O processo educativo brasileiro pretendia acompanhar a recente industrialização e para isso a difusão da escolarização seria o meio mais indicado na busca dessa atualização.

Mesmo de forma, ainda que incipiente, os meninos das classes mais favorecidas já eram melhores contemplados com espaços escolares que as meninas. A educação daquele período estava voltada para as classes mais abastadas.

O modelo educacional formal para o sexo feminino chegava de forma tardia e tímida, assim mesmo, contemplando as meninas dos segmentos sociais mais favorecidos. As meninas pobres e órfãs estavam relegadas às tarefas domésticas e ao trabalho braçal, conforme indicação de Louro:

No entanto, não se pode esquecer que, de um modo geral, as meninas das camadas populares estavam, desde muito cedo, envolvidas nas tarefas domésticas, no trabalho da roça, no cuidado dos irmãos menores, e que essas atribuições tinham prioridade sobre qualquer forma de educação escolarizada para elas (2010, p. 445).

⁶ Conforme Dominique Julia (2001), a cultura escolar é tida como o conjunto de normas que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar, e um conjunto de práticas que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos; normas e práticas coordenadas a finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização).

Nesse sentido, a educação feminina era na maioria das vezes voltada para atender, de forma subordinada ao marido e ser boa mãe para os seus filhos. A mulher para ser respeitada precisava apresentar grandes virtudes, que para o pensamento da época era traduzido como recato, submissão e grande dose de modéstia.

As primeiras vozes femininas que reivindicavam espaço para educação das mulheres, nos meados do século XIX, no Brasil, não eram bem vistas perante a sociedade da época.

Em Sergipe, as meninas desvalidas, órfãs e pertencentes às classes subalternas eram acolhidas em orfanatos, quanto às moças, oriundas das classes mais favorecidas, estas iam estudar nas instituições privadas criadas para oferecer ensino misto ou apenas para o sexo feminino, como as citadas por Freitas (2003): Colégio Nossa Senhora Sant'Anna, Colégio Nossa Senhora de Lourdes, o Educandário Fundado pela Professora Norma Reis; Colégio Nossa Senhora das Graças em Propriá/SE, Colégio Imaculada Conceição em Capela/SE.

Era de praxe que famílias compostas por professoras em sua maioria, criassem pequenas escolas, muitas vezes na própria residência, com objetivo de oferecer o ensino primário e a preparação dos alunos para o exame de admissão ao ginásio. As probabilidades das moças sergipanas enveredarem para o mercado de trabalho, no início do século XX, resumiam-se praticamente às categorias profissionais, que naquele momento, despertavam pouco interesse ao sexo masculino, ou seja, a educação das primeiras letras.

Nesse contexto, relacionava-se a profissão de professora primária, uma das raras atividades que as mulheres iriam exercer sem a concorrência masculina. A formação pedagógica ficava ao encargo da Escola Normal, uma das Instituições que preparava as mulheres para o mercado de trabalho.

As possibilidades educacionais femininas em Aracaju, a partir de 1920, estavam vinculadas às seguintes instituições: à Escola Normal Rui Barbosa, aos colégios particulares, à Escola de Comércio Conselheiro Orlando e ao Colégio Atheneu (FREITAS, 2003, p. 32).

Nesse sentido em uma conjuntura onde as mulheres ocupavam poucos espaços na vida pública e privada, em que eram apenas preparadas para assumir

as tarefas domésticas, a cidade vivenciava um ambiente diverso de efervescência política e econômica, a educação tentava se afirmar como política de Estado.

E se situando na cidade de Aracaju, localidade em que se encontra o objeto de estudo dessa pesquisa, até meados do século XX, o desenvolvimento urbano foi significativo, pois nesse período, contornos de cidade moderna foram despontando, o processo de urbanização intensificou-se, a edificação de casas luxuosas ocorreu, surgiram os calçamentos, as obras de saneamentos, a luz elétrica, a telefonia, os bondes elétricos, os serviços de água e esgoto. Evidencia-se ainda a criação de hospitais, do Arquivo Público, dos bancos, do comércio, dos primeiros automóveis, das ruas e praças floridas. Salienta-se, por assim, todas as mudanças e transformações que foram realizadas e que muito contribuíram para o progresso urbano e social da cidade (PIMENTEL, 2014, p. 55).

Em paralelo ao processo de desenvolvimento da cidade de Aracaju, as instituições educativas seguiam lado a lado a essas mudanças estruturais, cujos espaços educativos erguiam-se como excêntricos monumentos pela suntuosidade da sua arquitetura escolar. Justino de Magalhães (1998, p. 142) exterioriza que,

Quanto aos espaços e estrutura arquitetônica dos edifícios, há instituições educativas que resultaram de projetos arquitetônicos de origem e instituições escolares e educativas instaladas em prédios adaptados. Numa e noutra dessas circunstâncias, não podem deixar de ser considerados aspectos como localização, projeção e plano arquitetônico, processo de licenciamento, enquadramento paisagístico e urbanístico e tipo de construção, organização dos espaços, estado de conservação, adaptações arquitetônicas e espaciais. A implantação do edifício na paisagem física e humana, os acessos e formas de isolamento e/ou de relação refletem, condicionam ou estimulam a relação com a comunidade envolvente.

Nesse sentido, é possível compreender que descrições sobre a vida das instituições educativas envolvem sua criação, seu desenvolvimento, seus elementos da arquitetura, o perfil de seus agentes, ou seja, tem-se o conhecimento do envolvimento do corpo docente, dos funcionários, da parte administrativa, dos alunos, das propostas pedagógicas, das comemorações e festas, além de outros elementos que fazem parte da instituição.

“E Sergipe construiu sua urbanização com os olhos desenvolvimentistas, a partir de suas cidades e da inauguração de suas escolas. Escolas que contribuíram para ampliar e veicular a cultura e estimular a Modernidade” (PIMENTEL, 2015, p.

55). Neste caminhar, salienta-se a presença do Instituto Senhor do Bomfim, influenciando e contribuindo para a consolidação do progresso naquela região.

A instrução em Sergipe, seja ela de caráter público ou particular, apresentou crescimento expressivo, visto que grupos escolares, escolas estaduais e particulares, escolas municipais e particulares foram criados na capital e no interior do Estado, sendo identificados como espaços de aprendizado bem como fonte de cultura. Constituíram-se, então, mais fatores positivos para o desenvolvimento das cidades. Neste passeio de construção histórica, fora identificado que um dos índices desse progresso crescente é, de fato, a fundação do Instituto Senhor do Bomfim, instituição educativa que colaborou para a solidificação educacional do Estado, feito de um processo de intensas alterações ocorridas nas escolas, e consequência de um pensamento educativo e inovador.

O Instituto foi criado pelas irmãs e professoras Ednelza Menezes Lima e Maria Jeanina de Lima, funcionando até o ano de 1967, como Instituto, no mesmo local de fundação, quando o mesmo deixou de oferecer à sociedade apenas o ensino primário, sob o registro número 518 da Secretaria de educação e Cultura do Estado de Sergipe, e passou a oferecer o ensino profissionalizante.

Um aspecto a se destacar sobre a sua inauguração da instituição foi a enfraquecida presença desse evento na imprensa local, ou em anúncios e registros em jornais. Encontrado apenas no Sergipe Jornal o primeiro regimento da instituição, escrito com as seguintes palavras:

CAPÍTULO I

Art. 1 – O Instituto “Senhor do Bomfim”, com séde na cidade Aracaju, capital do Estado de Sergipe, á rua de Goiás, 330, Bairro Siqueira de Campos, regular-se-á pelos presentes Estatutos, de acordo com as leis em vigor, relativas ao ensino primário do País.

Art. 2 – Funciona o Instituto “Senhor do Bomfim”, sob a direção da professora Ednelza Menezes Lima, diplomada pela Escola Normal Rui Barbosa, atualmente Instituto Rui Barbosa, sua fundadora terá por norma:

- a) Ensinar tôdas as matérias adotadas no curso Primário do País.
- b) Preparar os alunos de ambos os sexos para exame de admissão em qualquer ginásio, Escola Industrial, Escola de Comércio, ou outro qualquer curso secundário nacional.
- c) Estimular os alunos no cumprimento do dever, no amor à Pátria, à família, aperfeiçoar-lhe a educação.
- d) Admitir em cada ano, no mínimo 15 alunos de ambos os sexos, gratuitamente, podendo elevar o número, conforme as necessidades.

CAPÍTULO II

Art. 3 – A diretoria do Instituto responsabilizar-se-á pelo aproveitamento dos alunos, orientando os métodos de ensino em todas as classes.

Art. 4 – O material didático e o mobiliário satisfazem as exigências regulamentares.

Art. 5 – Os livros e material destinados aos alunos pobres correrão por conta do Instituto, desde que apresentem atestados fornecidos pelas autoridades locais.

CAPÍTULO III

Art. 6 - Os métodos de ensino serão baseados na Escola Nova⁷, a fim de formar alunos aptos, para o curso secundário.

Art. 7 – O ano letivo é de dez meses e o curso primário completo de quatro anos, conforme o regulamento do Estado.

Art. 8 – O pagamento será mensal, efetuado adiantadamente.

Art. 9 – O Instituto entregará aos concluintes um certificado do curso primário, válido para todos os efeitos.

CAPÍTULO IV

Art. 10 – Para todos os efeitos legais o Instituto “Senhor do Bomfim” terá sua sede na cidade de Aracaju.

CAPÍTULO V

Art. 11 – Serão admitidos gratuitamente os alunos reconhecidamente pobres que apresentem atestado das autoridades competentes.

Entende-se que o regimento é um documento de cunho oficial que representa a legitimidade das principais ações e dos conteúdos que são apropriados pelos seus agentes educativos nas práticas pedagógicas da instituição. Nele, a sua importância burocrática coaduna-se com a legislação educativa. Nesse sentido, convém analisar o Instituto Senhor do Boomfim, por representar o que melhor define que “a pedagogia escolar desenvolve estruturas de enquadramento, orientação e

⁷ Os anos de 1930 foram marcados pelos princípios da “Escola Nova”, os quais apresentavam mudanças nas concepções sobre criança e educação. Novos métodos, formação docente, preparação social através da educação, inovações internas e externas das instituições escolares eram princípios que conduziam o ideal da Escola Nova. O imaginário da escola era povoado pelos princípios escolanovistas, e as mudanças concretizadas na educação eram motivo para se acreditar numa dinâmica que impulsionava as relações escolares. O aluno assumia soberanamente o centro dos processos de aquisição do conhecimento escolar. A psicologia experimental dava suporte à cientificidade da pedagogia e produzia no discurso da escolarização o efeito da individualização da criança – a criança no centro das relações de aprendizagem (LEAL, 2004, p. 65). “A escola renovada pretendia a incorporação de toda a população infantil” (VIDAL, 2000, p. 498).

avaliação formativa, e ação pedagógica e didática caracteriza-se por uma grande sistematicidade, gerando rotinas e fatores reflexivos” (MAGALHÃES, 2004, p. 35).

Seu Regimento transmitia noção de gestão, preceitos higiênicos e pedagogia, contributos para o engrandecimento da infância do Estado. Permitia também o fomento do sentimento de uma escola que procurou desenvolver nos meninos e nas meninas as sementes da virtude, do amor à vida, da disciplina, com acentuada consciência patriótica e humana. O presente documento tinha a incumbência de orientar os agentes educativos a cumprirem suas determinações disciplinares, a fim de manter a civilidade estudantil e administrativa.

As primeiras agentes educativas do Instituto foram as irmãs e professoras Ednelza Menezes Lima, na qualidade de diretora, e Maria Jeanine de Lima, como coordenadora, que juntas fundaram a instituição educativa e deram seguimento aos preceitos educacionais vigentes na época.

O ensino Primário, destinado a meninos e meninas, de dois a seis anos de idade, era concordante com a Escola Nova, e ofertava disciplinas, tais como: Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais, Alfabetização e Linguagem. Nesse sentido, objetivava o estímulo à observação e reflexão, o conhecimento da pessoa, seu comportamento em grupo e o contato com a natureza, além de primar pelo desenvolvimento emocional da criança, pela música, por poesias, pelas artes, pelos momentos de recreação, pela modelagem e por noções de trânsito. Tem-se, então, o entendimento de que o Instituto prezava pelo desenvolvimento do espírito de observação, reflexão e criatividade da criança.

Ainda pelo Regimento, extrai-se também certa preocupação em definir as então finalidades do Instituto, sempre adequando à Legislação vigente, bem como, à organização do ensino e aos aspectos culturais e escolares a serem seguidas. É provável que houvesse a exigência para com os alunos ao cumprimento do processo de educação, moral e ética, estabelecidos pelo Instituto, além de ter como razão de existência práticas educativas direcionadas para a valorização da moral e do amor à Pátria. As premissas do documento eram claras e objetivas enquanto instrumento de inculcação de comportamentos e formação de bons hábitos.

Considera-se que o Instituto Senhor do Bomfim dispunha de instalações adaptadas às exigências pedagógicas da época, principalmente pelo fato de contemplar os princípios da Escola Nova. Assim sendo, o Instituto mantinha o currículo educacional condizente com os preceitos escalonovistas e com as

diretrizes determinadas pelo governo Getúlio Vargas. As disciplinas faziam parte do currículo elaborado pela escola que seguiam as determinações legais.

Seu corpo docente era composto por profissionais que advinham, normalmente, da Escola Normal de Sergipe, visto que, neste período, era a escola de prestígio na formação de professores. Recebia alunos das classes com posses como também crianças comprovadamente tidas como pobres. Eram crianças de 2 a 6 anos de idade.

A educação primária do Instituto complementava a educação familiar e proporcionava a ambientação de meninos e meninas ao meio físico e social. Nessa perspectiva histórica, uma instituição educativa em sua plenitude compõe sua própria identidade, passa a tecer a história do fazer escolar, das práticas e condutas, dos conteúdos, inseridos num valioso arcabouço histórico.

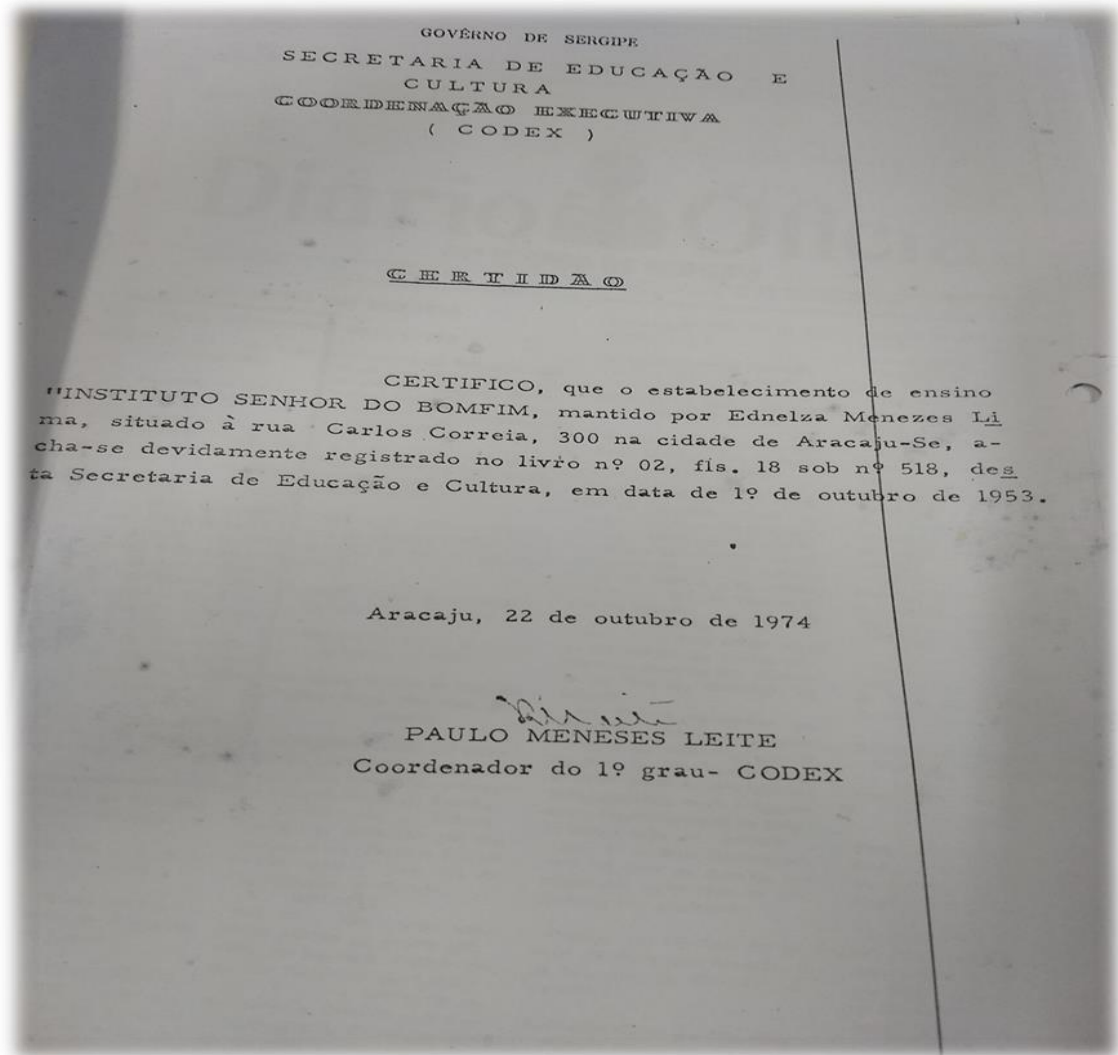
3 O FUNCIONAMENTO DO INSTITUTO SENHOR DO BOMFIM

A institucionalização é uma abstração que envolve o quadro dialético mais profundo entre públicos e modelo, sendo a instituição um constructo teórico-prático, produto de um processo multidimensional e multifatorial, resultante de uma dialética entre uma combinatória horizontal de materialidade, projeção, mobilização, ação, numa sucessão de quadros probabilísticos e evolutivos, e uma verticalização contendo os passos dessa evolução (MAGALHÃES, 2004, p. 140).

A trajetória do Instituto Senhor do Bomfim, como instituição educativa, foi construída através de documentos administrativos, os quais trazem vestígios das práticas escolares, dos ritos, dos saberes que constituíram e determinaram a história educacional dessa instituição. Foram, então, identificadas informações pertinentes à pesquisa, as quais mostraram como funcionava o colégio naquele período.

Eis a instituição educativa “Instituto Senhor do Bomfim”, estabelecimento de ensino mantido por Ednelza Menezes Lima, situado à Rua Carlos Correia, número 300, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, devidamente registrado no livro n. 02, fls. 18 sob n. 518 da Secretaria de Educação e Cultura, em data de 1 de outubro de 1953, com os cursos, Jardim, Pré-primário e Primário.

Figura 09 – Certidão do Instituto Senhor do Bomfim na Secretaria de Educação e Cultura



Fonte: Arquivo da Inspeção Escolar, 2017.

Abre-se um parêntese para fazer um comparativo de registro de datas, visto que, o Regimento do Instituto publicado em jornal está averbado em 1 de dezembro de 1953, figura 11, enquanto que, na Secretaria de Educação e Cultura, figura 10, esse se apresenta em 1 de outubro de 1953. Pressupõe-se que o anúncio em noticioso aponta para a primeira divulgação da instituição para a sociedade, bem como para início das matrículas.

Seu primeiro ciclo foi autorizado a funcionar condicionalmente pelo Ato n. 43/60, "ad referendum", do diretor do Ensino Secundário, ratificado pela Portaria 237/62, do diretor do Ensino Secundário. Através do Ato n. 06 de agosto de 1964, da Inspeção Seccional, foi autorizada a extensão do segundo ciclo, ratificado pela

Portaria 202 de agosto de 1969 do Ensino Secundário com o nome de Colégio Senhor do Bomfim.

3.1 As instalações do Instituto

Ao analisar as instalações do Instituto Senhor do Bomfim, partiu-se do advento da República, em 1889, quando os grupos escolares nasceram e quando, pela primeira vez, houve a compreensão de que o espaço escolar se associava ao conhecimento, aos valores e às atitudes de que quem nele se inseria. O objetivo do Estado era ter uma Nação dotada de educação.

Mas como se dava o ensino no Brasil antes da chegada da República? Era praticado em edifícios arranjados, sem tantas condições de uso, apresentando aspectos de improvisação, além de muitas vezes, ser ofertado nas residências dos professores.

Para tanto, o regulamentar de novas leis republicanas proporcionou trato especial à questão do ensino com promoção de alterações nesse cenário. Registra Pimentel (2014, p. 68) que, “numa tentativa de avançar para além da visão física da construção do espaço, filósofos, sociólogos e alguns geógrafos passaram a encará-los como socialmente construído, cuja organização e sentido são produtos das experiências e transformações sociais”.

Lefebvre (1991, p. 64), em seu texto “O direito à cidade”, respalda a menção feita pela autora quando diz que,

O espaço não é um objeto científico afastado da ideologia e da política; sempre foi político e estratégico. Se o espaço tem uma aparência de neutralidade e indiferença em relação aos seus conteúdos e, desse modo, parece ser “puramente” formal, a epítome da abstração racional, é precisamente por ter sido ocupado e usado e por já ter sido foco de processos passados cujos vestígios nem sempre são evidentes na paisagem. O espaço foi formado e moldado a partir de elementos históricos e naturais, mas esse foi um processo político. O espaço é político e ideológico. É um produto literalmente repleto de ideologias.

Infere-se que o conceito de espaço se converte, por extensão e complexidade, na descrição de lugar. Logo, a interpretação desse conceito também passa a ser referência tanto para uma construção social como para a aprendizagem.

No sentimento de que a idealização do espaço perpassa por um processo interativo, constata-se que esse nasce no bojo dos contextos social, histórico, cultural e político, e as evidências são visíveis na sua criação, organização e aplicabilidade.

Amplia-se o entendimento de que um espaço educacional é parte de uma história e é a partir dele que se apreende tudo o que foi vivido e vivenciado no Instituto Senhor do Bomfim, instituição educativa que fez parte do progresso da cidade de Aracaju, pois

A instituição escolar ocupa um espaço que se torna, por isso, um lugar. Um lugar específico, com características determinadas, aonde se vai, onde se permanecem uma certa hora de certos dias, e de onde se vem. Ao mesmo tempo, essa ocupação do espaço e sua conversão em lugar escolar levam consigo sua vivência como território por aqueles que com ele se relacionam. Desse modo é que surge, a partir de uma noção objetiva – a de espaço lugar -, uma noção subjetiva uma vivência individual ou grupal, a de espaço-território (VIÑAO FRAGO, 2005, p. 17).

Ao analisar o excerto, é possível interpretar que os espaços escolares são territórios apinhados de significados para aqueles que vivenciam suas instalações bem como para o próprio contexto no qual estão inseridos. Eles perfazem a identidade e a história de uma instituição. Logo, a formação de um espaço escolar é de grande significado para todos que o conheceram.

À vista disso, compreende-se que uma escola revela um espaço institucional notável na constituição da subjetividade individual e social, motivo pelo qual se faz necessário entender a sua influência no desenvolvimento da individualidade dos personagens que por ela passaram. Eis, então, que uma das inquietações dessa pesquisa está na importância do Instituto Senhor do Bomfim na vida dos indivíduos que fizeram e fazem parte dele, uma vez que, esse trouxe para a comunidade e localidade mudanças significativas.

Assim sendo, vislumbra-se que o Instituto Senhor do Bomfim se caracterizou como um espaço “respeitável”, feito para funcionar, tomado por crianças, que usufruíram do seu ensino primário, para a cidade de Aracaju, mais precisamente para o bairro Siqueira Campos.

As reflexões feitas até o momento induzem que o “Instituto Senhor do Bomfim” fora uma instituição educativa significativa, respaldada nas novas propostas

da Escola Nova, para aqueles que dela fizeram parte, e que a sua trajetória configurou-se como “valorosa” para a formação pessoal e profissional.

Não foram identificados documentos que contemplassem as instalações físicas do Instituto, como por exemplo, a planta baixa⁸ do prédio, mas se tendo o conhecimento de que a instituição educativa se expandiu a ponto de ofertar à sociedade não só ensino primário, mas, também, o ensino profissionalizante, é possível deduzir que houve necessidades de remodelações, de ampliações, de alterações, haja vista que

No que respeita às transformações arquitetônicas, é provável que as instituições particulares reflitam uma maior capacidade de iniciativa, reajustando os espaços às necessidades de funcionamento, seja no quadro pedagógico e didático, seja no quadro da funcionalidade e da eficácia organizativas, por contraponto a instituições cujos objetivos e funções são submetidos aos condicionamentos da disposição e da volumetria espaciais. Esta problemática do campo de liberdade e da criatividade do plano e do projeto arquitetônicos dos prédios de raiz pode ser ilustrada pelos processos de licenciamento de construção (MAGALHÃES, 2004, p. 143).

Assevera o teórico que, a disposição arquitetônica dos prédios, a distribuição e ordenação dos espaços, a orientação estética, a acessibilidade interferem no cotidiano educacional, ou seja, nos “modos de estar, vivenciar, relacionar-se, referenciar e projetar por parte de todos os membros de uma comunidade educativa” (MAGALHÃES, 2004, p. 144).

No tocante a não identificação dos documentos, ressalta-se que nos órgãos visitados, Inspeção Escolar, Secretaria da Educação, Arquivo Público, Biblioteca Epifânio Dória e Instituto Histórico e Geográfico de Sergipe, não foi encontrada nenhuma imagem/fotografia que viesse melhor ilustrar essa pesquisa. E em se tratando do arquivo da própria escola, não houve autorização para que se pudesse adentrar nem ao menos, conhecer, com riqueza de detalhes, a história do Instituto. Relata-se também que a irmã da fundadora abre em horário comercial, de segunda

⁸ A partir da visualização da planta baixa do Instituto, perceberíamos o real tamanho da escola, além de averiguar se as suas dependências eram convenientes com a moderna educação no Estado. Analisaríamos também se, quando elaboradas, as plantas contemplavam sala da diretoria, secretaria, biblioteca e sala dos professores. Afinal de contas, “o espaço escolar não é, pois um “cenário”, mas sim “uma espécie de discurso que institui em sua materialidade um sistema de valores” [...]. Qualquer mudança em sua disposição, como lugar ou território, modifica sua natureza cultural e educativa” (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 69).

a sexta, a instituição com a finalidade de fornecer informações e até de receber dividendos de ex-alunos.

E diante da menção de Magalhães (2004, p. 145): “a construção do arquivo de uma instituição, sendo uma contribuição fundamental para a identidade e a representação institucional, é uma fase determinante da historiografia das instituições educativas”, percebe-se que a sólida construção da trajetória do Instituto Senhor do Bomfim esbarra-se em grandes lacunas, visto que, toda a historiografia, com olhar crítico e desenvolvido diante das dimensões do cotidiano educacional, não contou com a valorização e a preservação de importantes fontes de informação, tais como: livro de registro de matrícula, livro de atas de resultados finais, livro de atas de incineração, livro de ponto, livro de termo de visitas de inspetores, dentre outros citados em regimentos posteriores ao recorte temporal da presente pesquisa.

3.2 O currículo e as disciplinas escolares

[...] o currículo (uma acepção estreita, que resulta de uma justaposição de categorias analíticas e objetos instituintes da realidade escolar, correspondendo ao conjunto das matérias lecionadas e respectivos métodos, tempos, etc. [...] ou uma acepção transversal à cultura e à realidade escolar, visão sintética de influência anglo-saxônica e norte-americana, em que currículo corresponde a racionalidade da prática (desenvolvimento curricular), uma verdadeira política educativa (MAGALHÃES, 1998, p. 56).

Depreende-se, pelo excerto, que a construção do currículo no cotidiano das instituições educativas vem a ser objeto de estudo por parte de muitos pesquisadores, pela condição de que objetivam compreender as relações criadas entre o conhecimento, a cultura e a educação, sobretudo por ressaltarem a atribuição do currículo a da educação na sociedade contemporânea (APPLE, 2001; SACRISTÁN, 2000).

Forquin (1993) esclarece que o currículo, na tradição pedagógica, tem a sua origem associada a programa ou plano de estudos, mas que expressa, na época atual, ampla diversidade semântica e multiplicidade de usos. Declara, então, que,

Por currículo se entende, geralmente, tudo que é suposto de ser ensinado ou aprendido, segundo uma ordem determinada de programação e sob a responsabilidade de uma instituição de educação formal, nos limites de um ciclo de estudos. Por extensão, o

termo me parece fazer referência ao conjunto dos conteúdos cognitivos e simbólicos (saberes, competências, representações, tendências, valores) transmitidos (de modo explícito ou implícito) nas práticas pedagógicas e nas situações de escolarização, isto é, tudo aquilo a que poderíamos chamar de dimensão cognitiva e cultural da educação escolar (FORQUIN, 2000, p. 48).

Em sentido amplo e não simplesmente técnico, o referido autor permite a compreender o currículo em diversas interpretações, ou seja, não apenas como artefato social e cultural, mas sim, em suas determinações sociais e suas produções contextuais. E nessa perspectiva, compreende-se que o currículo não pode ser caracterizado como inocente ou neutro no que concerne à transmissão desinteressada de conhecimento, pois segundo Moreira e Silva (2001, p. 14), “o currículo está implicado em relações de poder, o currículo transmite visões sociais particulares e interessadas, o currículo produz identidades individuais e sociais particulares”.

Necessário explicar que o currículo é instrumento calcado num determinado modelo social e, conseqüentemente, a um modelo de ser humano, por enfatizar certos conhecimentos em detrimentos de outros. Dessa forma, “múltiplos elementos estão em jogo, implicados em relações de subordinação, configurando um terreno privilegiado da política cultural. Em tal perspectiva, quem tem força nessa política impõe ao mundo suas representações, ou seja, o universo simbólico de sua cultura particular” (PEDROSO; GERMINARI, 2017, p. 854). Currículos são instrumentos de poder.

Corazza (2015) ressalta que

[...] o currículo trabalha com a tradição e com as culturas – consideradas obras abertas e matérias amorfas –, expressas pelas criações originais das artes, ciências e filosofias. Escolhendo imagens, mediando espaços, lendo e reescrevendo signos, o resultado curricular é uma apreensão organizada, estruturada ou seriada, que acaba se transformando em um logos. Em seguida, este logos é disposto didaticamente, isto é, posto a circular e a funcionar, na cena dramática da aula, sua zona prática e proximal de criação em processo – pois, “há sempre [...] um ‘drama’ sob todo logos” (DELEUZE, 2002, p.144). Assim, dramatizadas, isto é, temporalizadas, atualizadas, as traduções, anteriormente feitas pelo currículo, são então novamente transformadas pela didática. E tudo recomeça, outra vez (CORAZZA, 2015, p. 03).

Tal reflexão aliada ao objeto de estudo dessa pesquisa faz entender que o Instituto contribuiu para que crianças tivessem uma formação educacional eficiente, pois o preparo dessas, através de uma pedagogia e metodologia moderna, era a condição essencial de êxito educacional.

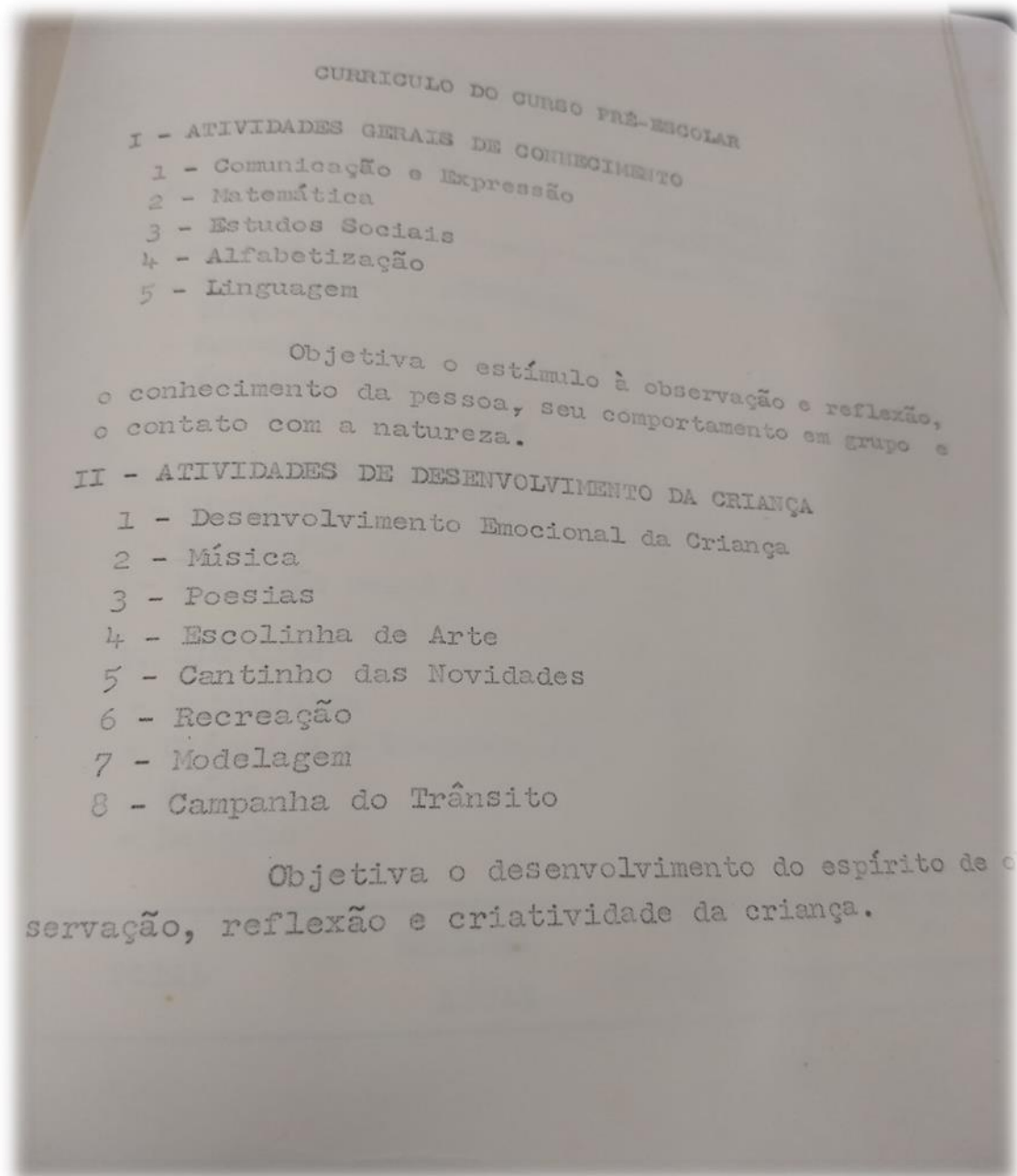
Em se tratando da relação ensino-aprendizagem, Faria Filho (2000) incita a discutir sobre o método de ensino, pois em primeira instância, a teoria da aprendizagem não estava relacionada com o que se entendia como por método de ensino, e a condição básica era professor ensinando e aluno aprendendo por repetição, “recaindo a preocupação, em termos de método, na organização das classes, na disposição dos alunos e no aproveitamento adequado e racional do tempo, do espaço e das tarefas escolares” (PIMENTEL, 2014, p. 97).

Com os princípios da Escola Nova, o Instituto Senhor do Bomfim utilizava o método intuitivo na relação entre o modo de ensinar e a teoria da aprendizagem. O método intuitivo se contrapunha ao método tradicional, o qual era baseado em repetições, memorizações e abstrações, passando a dialogar diretamente com o conhecimento. Valdemarin (1998) faz alusão a esse método como alicerce da escola moderna, por ser mais do que o ato de decorar e repetir o que era transmitido pelo professor. Logo, compreende-se que o próprio aluno era o agente propulsor na edificação do seu conhecimento.

Em meio a reflexões, cogita-se que para o Instituto exercer suas obrigações pedagógicas, ou seja, dar andamento à relação ensino-aprendizagem e ao uso do currículo, pertinente era obedecer às exigências advindas das novas leis educacionais, Leis Federais moldadas ao Estado. A conduta burocrática caracterizava-se como facilitadora no desenvolvimento das atividades da escola.

Destarte, o Instituto apresentava o currículo do Ensino Primário, oferecido a crianças de dois a seis anos de idade, concordante com a Escola Nova, tendo como atividades gerais de conhecimento: Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais, Alfabetização e Linguagem. Objetivava o estímulo à observação e reflexão, o conhecimento da pessoa, seu comportamento em grupo e o contato com a natureza, além de primar pelo desenvolvimento emocional da criança, pela música, por poesias, pelas artes, pelos momentos de recreação, pela modelagem e por noções de trânsito. Em suma, o Instituto prezava pelo desenvolvimento do espírito de observação, reflexão e criatividade da criança.

Figura 10 – Currículo do pré-escolar



Fonte: Arquivo da Inspeção Escolar, 2017.

Os currículos eram organizados com os conteúdos, objetivos e composições além de especificações constantes na legislação vigente.

As aulas de ensino religioso poderiam integrar o currículo do curso, ficando a obrigatoriedade de sua frequência condicionada à declaração do pai ou responsável, no ato da matrícula.

As classes eram organizadas conforme as conveniências didático-pedagógicas e de ordem administrativa.

Além dessas ponderações, o Instituto objetivava também o ensino de língua estrangeira, educação moral e cívica, educação artística, programas de saúde, educação física e outras disciplinas relacionadas às áreas de estudos e atividades, sempre que aconselhável e possível, respeitando a legislação própria aplicável a cada uma delas, podendo para tanto, organizar classes com alunos de diferentes séries e de equivalentes níveis de desenvolvimento.

Fazendo referência à verificação da aprendizagem, essa era realizada durante todo o ano letivo e nos períodos de recuperação através de notas graduadas de zero a dez, sempre observando os seguintes critérios:

✓ Quantitativo – que se procedia mediante provas, testes, arguições, verificações, trabalhos de pesquisa, exercícios, trabalhos individuais, ou em equipe, análises e outros procedimentos didáticos.

✓ Qualitativo – predominante ao anterior, e se procedia mediante observação dos seguintes elementos: atenção, interesse, senso de responsabilidade, criatividade, pontualidade na execução das tarefas, participação nos trabalhos de classe e extraclasse.

A verificação da aprendizagem se procedia mensalmente e se perfazia de trabalhos de pesquisa, testes, exercícios, trabalhos individuais ou em equipe, análises e outros procedimentos didáticos compatíveis, relacionados com a unidade do programa de ensino transmitida pelo professor durante o mês.

Por fim, é plausível compreender que o currículo faz da escola um determinado sistema social, pois é através dele que lhe dota conteúdos, missão que se expressa por meio de usos quase universais em todos os sentidos educativos. Dessa maneira, são levadas em conta as peculiaridades de cada nível ou modalidade respeitando-se em cada contexto educativo as orientações filosóficas, sociais e pedagógicas que se misturam nos fenômenos educativos (SACRISTÁN, 1991).

3.3 O jardim, o pré-primário e o primário

Em Sergipe, a ênfase oriunda da Constituição de 1891 e de todas as reformas nacionais dela provenientes, bem como a influência do movimento da Escola Nova é notória na Reforma da Instrução Pública do ano de 1924, através do Decreto nº 867. Nesse sentido, “as primeiras bases da reforma deram-se, sobretudo,

no ano de 1923, período em que ocorreu a aprovação da Lei nº 852. Tal lei dispôs sobre as bases que deveriam orientar a reforma, com ênfase para os elementos do ensino das escolas de ensino primário, bem como a reforma do ensino normal do Estado de Sergipe” (SANTOS, 2017, p. 39). E a vigor dessa lei, o ensino primário configurou-se assim:

O ensino primário se dividirá em ensino elementar e ensino superior, ministrados em escolas isoladas, escolas reunidas e grupos escolares, exclusivamente destinados a meninos de ambos os sexos, dos sete aos quatorze anos de idade. Os menores de sete só poderão ser oficialmente admitidos em escolas maternas ou jardins de creanças; os maiores de quatorze, em escolas de adultos, diurnas ou nocturnas, a juízo do Governo (SERGIPE, 1923, p. 28).

A reforma sergipana ainda buscou respaldo em moldes paulista, mas com o intuito de se ter uma educação próxima dos ideais escolanovistas, haja vista que, as adaptações, de fato, ratificariam a referência e não a cópia do modelo paulista.

Dentre várias instituições educativas criadas pelo Brasil, tem-se o Instituto Senhor do Bomfim, fundado em 1 de dezembro de 1952, na cidade de Aracaju, com o objetivo de atender crianças que cursassem do Jardim até o Primário. Nesse viés, ressalta-se que nos órgãos pesquisados, não foram encontrados documentos pertinentes ao marco temporal desse estudo, pois os mesmos alegam que não havia a obrigatoriedade em se arquivar papéis inerentes ao ensino do Jardim, Pré-primário e Primário. A exemplo disso, em meados de dezembro de 2017, a Inspeção Escolar declarou, em e-mail, que após criteriosa busca junto ao acervo do extinto Instituto Senhor do Bomfim, foram apenas identificados diários de classe das séries referentes ao final da década de 1980.

3.4 Os sujeitos da escola

“Conhecer o processo histórico de uma instituição educativa é analisar a genealogia da sua materialidade, organização, funcionamento, quadros imagéticos e projetos, representações e projetos dos sujeitos na relação com a realidade material e sociocultural de contexto” (MAGALHÃES, 2004, p. 58).

Reconhece-se por essa passagem que uma instituição educativa é uma construção subjetiva que necessita de feitos históricos, das imagens e das

representações dos sujeitos. Cenário que perpassa pela relação direta entre os agentes educativos e o desenho institucional. Num despoite de uma escola, tem-se um pretexto, uma singular finalidade que se dissemina através de um campo ideológico.

Indagou-se para tanto: quem seriam os sujeitos do Instituto Senhor do Bomfim? Certamente, foram os alunos, os professores⁹ e os funcionários que pertenceram a esse cenário escolar, e que através da análise de documentos, pode-se traçar a história dessa instituição. Enfatiza-se que, o que foi descrito aqui nessa pesquisa, deu-se por meio da verificação de papéis de fácil acesso.

O marco temporal estudado remeteu-se ao ensino Primário, entre os anos de 1952 a 1967, e por isso, presumiu-se que os sujeitos desfrutaram da escola períodos, historicamente, diferenciados, quando se referem às influências didático-pedagógicas as quais caracterizaram a gestão curricular e o projeto proposto de educação.

Pimentel (2014, p. 125) relata que “apreender a escola como construção social implica, assim, compreendê-la no seu fazer cotidiano, onde os sujeitos não são apenas agentes passivos diante da estrutura. Ao contrário, trata-se de uma relação em contínua construção, de conflitos e negociações em função de circunstâncias determinadas”. Por conjectura, tem-se a importância do convívio entre os sujeitos partícipes do Instituto, por se ter uma dinâmica de ligações sociais que contemplam conflitos, pactos, normas, projetos individuais e/ou coletivos.

Conforme o Regimento do Instituto Senhor do Bomfim, datado de 1 de dezembro de 1952, publicado no Jornal A Cruzada, a instituição estava apta a: capacitar alunos, de ambos os sexos, para exames de admissão em qualquer ginásio, Escola Industrial¹⁰, Escola de Comércio¹¹, ou outro qualquer curso secundário; estimular os alunos no cumprimento do dever, no amor à Pátria, à

⁹ Caracterizados como sujeitos do conhecimento por fazer uso de metodologia específica, para facilitar aos alunos apreenderem determinados conteúdos e, assim, alcançar as expectativas que se traduzem individualmente.

¹⁰ Em 1937, as Escolas de Aprendizes passaram a denominar-se Liceu. Em Sergipe, passou a se chamar Liceu Industrial de Aracaju até 1942, quando passou a ser denominada Escola Industrial de Aracaju, com a aprovação da Lei Orgânica do Ensino Industrial. Nesse período, algumas matérias foram desdobradas, enfatizando-se aspectos de cultura geral básicos ao ensino profissional, incluindo aquisição de materiais didáticos, sobretudo na área de Ciências Físico-Naturais (FERRETE; FERRETE, 2012).

¹¹ A Escola de Comércio Conselheiro Orlando, foi criada no ano de 1923, na cidade de Aracaju, no governador Graccho Cardoso, com oferta do curso comercial. O curso foi implantado com uma duração de três anos, concedendo àqueles alunos concludentes o diploma de Perito em Comércio e Contabilidade (NUNES, 2008, p. 261).

família, à educação; e admitir em cada ano, no mínimo 15 alunos de ambos os sexos, gratuitamente, podendo elevar o número, conforme as necessidades.

Em sua estrutura organizacional, o Instituto era constituído por:

I Administração

1.1 Direção

1.1.1 Gabinete do Diretor

1.1.1.1 Assessoria de Planejamento econômico - financeiro

1.1.2 Congregação

1.1.2.1 Corpo docente

1.1.3 Coordenação Educacional e Pedagógica

1.1.3.1 Serviço de orientação educacional

1.1.3.2 Serviço de orientação pedagógica

1.1.3.3 Serviço de coordenação de áreas

1.2 Secretaria

1.2.1 Serviço de Cadastro, Escrituração e Registro

1.2.2 Serviço de Pessoal, Material e Patrimônio

1.2.3 Serviço de Contabilidade e Tesouraria

1.2.4 Serviço de atividades auxiliares

II Corpo Discente

2.1 Alunos

III Órgãos Auxiliares

3.1 Associação de pais e mestres

3.2 Centro cívico e de deporte

3.3 Conselho e representantes de classes

Quanto ao corpo docente, esse era constituído de professores, devidamente qualificados, em obediência às disposições legais atinentes e normas aplicáveis, dos órgãos competentes. Era assegurado ao professor: respeito a sua autoridade e prestígio no desempenho de sua missão; apoio às atividades didático-pedagógicas indispensáveis à execução das tarefas; autonomia, dentro das normas do Instituto, na organização e execução dos planos de ensino; liberdade e formulação de

questões e autoridade no julgamento dos exames, provas e exercícios, respeitadas as diretrizes e manadas das coordenações educacional e pedagógica, entre outras exigências.

Em se tratando dos discentes, esses eram todos aqueles emanados do Regimento e da legislação e normas de ensino aplicáveis, bem como das disposições legais comuns e aplicáveis. Tinham deveres como atender ao regime didático e disciplinar, bem como à organização escolar; frequentar com assiduidade as aulas e demais atividades escolares; respeitar as normas disciplinares do Estabelecimento e, fora dele, guardar irrepreensível conduta; cumprir rigorosa exatidão as determinações da diretoria, dos professores e dos funcionários, nas respectivas orbitas de competência; observar, fielmente, os preceitos de higiene individual; zelar pela limpeza e conservação das instalações, dependências, material, móveis e utensílios, ressarcindo a escola de qualquer prejuízo que causarem; usar uniformes, documentos e material de identificação, quando lhe forem exigidos; comparecer às solenidades e festas cívicas e sociais promovidas pela escola; entre outros deveres.

No que concerne à coordenação educacional e pedagógica, essa tinha por finalidade a elaboração do planejamento didático-pedagógico-disciplinar do Instituto, bem como acompanhar a sua execução e avaliar sua aplicação. Outras atividades configuravam-se em coordenar e supervisionar a assistência pedagógica com vistos aos objetivos do Instituto; promover o bom relacionamento entre aluno e professor; observar, acompanhar e aconselhar professores; promover reuniões e entrevistas com os pais, visando a melhoria de comportamento e a aprendizagem dos alunos; opinar sobre os programas de cada série, examinando a sua integração e complementariedade com disciplinas afins; entre outras.

Frequentar o Instituto Senhor do Bomfim foi importante para a vida dos seus alunos, visto que esse foi um ambiente de produção do conhecimento que desempenhou papel essencial na formação de cada sujeito que por ele passou. Acredita-se também que, essa essencialidade foi absorvida não só na infância, mas também na tomada de decisão para a escolha da profissão, ou seja, para a vida como um todo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há histórias sem sentido. [...] A história torna-se o livro dos vivos, como uma ressonante trombeta que faz ressurgir do sepulcro os que eram pó há séculos... Só que demora muito tempo, é preciso considerar os acontecimentos, liga-los, descobrir os nexos, mesmo os menos visíveis.

In: Baudolino, de Umberto Eco.

Foi na condição de pesquisadora iniciante que toda essa trajetória foi vivenciada no programa de Pós-graduação em Educação, na busca da construção desse texto sobre o Instituto Senhor do Bomfim. Para a pesquisadora, o desafio foi considerado significativo, visto que, com formação em Administração de Empresas, uma área de formação totalmente diferente, que aprimora no profissional maneiras de pensar mais cartesianas e focadas em resultados, precisou mergulhar nesse novo universo e se permitir a ampliar o saber sobre um tema de interesse acadêmico e a estimular a reflexão teórica, para que, simultaneamente, fosse aplicando no seu cotidiano em sala de aula.

Nesse entretecer da pesquisa, foi de grande relevância, a busca, a leitura, a análise e a reflexão sobre os estudos já realizados na esfera da História das Instituições Educativas e na História da Educação no Brasil, e em Sergipe, com o objetivo de expandir o entendimento acerca da instituição estudada. Investigar, aqui, configurou-se, para a pesquisadora, um buscar desvendar/descobrir os valores e as práticas próprias do objeto de estudo, e, por isso, aflorou-se o interesse em construir e transcrever a história do Instituto Senhor do Bomfim.

A referida instituição fora fundada em 1952, ofertando serviços educacionais do Jardim de Infância até o ano de 2009 com o ensino profissionalizante, numa trajetória de 56 anos, para a sociedade aracajuana. Ressalta-se que, nesta pesquisa, o objetivo foi analisar os primeiros 15 anos de sua existência, quando se denominava Instituto e oferecia os cursos Jardim, Pré-primário e Primário, na localidade do bairro Siqueira Campos.

Era uma instituição de ensino não confessional, particular, dirigida pelas irmãs e professoras Ednelza Menezes Lima e Maria Jeanine de Lima, regulamentada pelas leis em vigor naquela época, relativas ao ensino primário do País. Oferecia ensino a meninos e meninas de famílias com posses, como também admitia gratuitamente alunos reconhecidamente pobres que apresentassem

atestados das autoridades competentes. Possuía, assim, uma forma singular na sua prática de educar e instruir seu alunado, por meio do ensino de todas as matérias adotadas na modalidade Primário no Brasil, e de estímulo ao cumprimento do dever, do amor à Pátria, à família e à educação.

Para tanto, a intenção da pesquisadora foi construir uma análise documental, tendo como categoria de análise a institucionalização e baseando-se no estudo dos elementos constituintes da história dessa instituição educativa. Conhecer os sujeitos, as instalações, os currículos e as disciplinas do ensino Primário muito proporcionou a construção do presente texto, dando noção do que representou a escola para o bairro Siqueira Campos e para a cidade de Aracaju; até mesmo situações inesperadas, como a que se deparou, a exemplo do não acesso ao acervo e às instalações da escola e à falta de interesse de uma das fundadoras em contribuir para a pesquisa, foram relevantes na concretização dessa escrita.

Todo o referencial foi dialogado com o singular texto “Tecendo Nexos: história das instituições educativas”, de Justino Pereira de Magalhães, data de 2004, texto esse que abre possibilidade de vários percursos cujos cruzamentos permitem a devolução do objeto simbólico na sua unidade e unicidade institucionais, pois “[...] a escola aparece como um conjunto de práticas, exercitadas por sujeitos qualificados em espaços e tempos qualificados [...]” (MAGALHÃES, 2004, p. 13).

Os documentos analisados revelaram que o Instituto Senhor do Bomfim foi criado no intuito de transmitir, além da educação formal pautada em currículos oficiais, uma educação íntegra respalda na moral e na disciplina dos alunos.

Pelo Regimento, foi possível inferir que o Instituto prezava pelo uso do uniforme e dos hábitos cívicos, pelo amor e respeito à Pátria, atitudes que evidenciavam a linha de formação oferecida aos educandos, além de desenvolver nos sujeitos o sentimento de pertencimento àquele estabelecimento de ensino.

Se a disciplina era tida como um dos principais valores da instituição para com os alunos, também assim o era para os professores, que realizavam suas atividades de acordo com as determinações da Direção, estando em conformidade com os preceitos de formação integral e humana disseminadas pelo Instituto, e, por assim, multiplicava-os no dia a dia escolar. Ênfase que a escola fazia uso dos procedimentos da pedagogia moderna, ou seja, dos métodos que eram baseados na Escola Nova, a fim de melhor formar seus alunos e discipliná-los. Cenário que levou a pesquisadora a crer que o Instituto procurou formar seus alunos mediante padrões

estabelecidos pelas leis educacionais que preponderam na época, e ao mesmo tempo, objetivou consolidar uma estrutura didático-pedagógica habilitada a instruir corpos e mentes daqueles que por lá passaram.

Em se tratando das práticas festivas, religiosas e educativas, o Instituto procurou propiciar aos seus alunos um padrão espiritual e moral capaz de contribuir para a formação do seu caráter enquanto seres humanos.

Adentrando nas questões formuladas a fim de nortear a elaboração da presente pesquisa, tem-se a coerência em respondê-las da seguinte maneira:

✓ Qual a influência dessa escola para o crescimento e o desenvolvimento do bairro Siqueira Campos? A localidade na qual o Instituto estava inserido apresentava-se em prosperidade no setor econômico-financeiro e populacional, logo, é possível visualizar o quanto esse contribuiu para instrução educacional da comunidade.

✓ Como se deu o processo de organização e funcionamento dessa escola? Com sede no bairro Siqueira Campos, na cidade de Aracaju, estado de Sergipe, o Instituto Senhor do Bomfim estava regulamentado por estatutos, de acordo com as leis em vigor, relativas ao ensino primário do País.

✓ Quais práticas pedagógicas, conhecimentos curriculares, valores e habilidades eram desenvolvidos e importantes para a formação profissional? No Instituto, a diretoria era responsável pelo aproveitamento de alunos; o material didático e o mobiliário satisfaziam às exigências regulamentares; e os métodos eram baseados na Escola Nova. Esses e outros importantes elementos configuraram-se como significativos na construção dos discentes enquanto cidadãos.

✓ Quem eram os sujeitos que por ela passaram? Eram crianças oriundas das classes mais tradicionais da sociedade, mas também àquelas, que mediante comprovação, eram tidas como pobres. A escola oferecia a mesma qualidade de ensino a todos, sem distinção.

Questões e respostas consideradas peças-chave para a presente pesquisa, quando se intencionou expor a relevância do Instituto para a sociedade bem como para o meio acadêmico.

A hipótese instituída no início dessa construção apresenta-se refletida, pois o referido estudo da trajetória histórica do Instituto Senhor do Bomfim, no período estudado, foi concretizado por meio do entendimento da organização e da forma de funcionamento, fazendo a pesquisadora compreender a dinâmica e os motivos pelos

quais foi bem aceito pela sociedade da época, além de ser possível aliar a sua existência ao crescimento e o desenvolvimento do bairro Siqueira Campos, localidade do Instituto; a oferta de bolsas de estudos para crianças comprovadamente pobres.

Em meio às reflexões feitas até aqui, infere-se que uma determinada instituição educativa não nasce no vazio de outras instituições (FARIA FILHO, 1999), como induzem as leituras feitas para embasamento dessa pesquisa. Quem defende a importância da escola necessita “[...] deslocar tradicionais instituições de educação e instrução, apropriando-se, remodelando ou recusando a tempos, a espaços, a conhecimentos, a sensibilidades e a valores próprios às mesmas” (FARIA FILHO, 1999, p. 127), e jamais se esquecer de que a escola também deve se reinventar, se produzir, ter o seu lugar próprio e travar diálogo com outras esferas e instituições sociais.

Dessa maneira, estreita-se uma relação saudável entre a instituição e a comunidade, a qual passa a dar sentido à transmissão de uma cultura escolar dada aos seus diversos personagens, tais como, diretores, professores, alunos e demais membros que fazem parte dessa coletividade. É proporcionada, então, a condição de sujeitos históricos constituída com atos, práticas educativas, currículos, disciplinas e projeto educacional, pois “trata-se de procurar escapar ao vaivém tradicional entre uma percepção micro e um olhar macro, privilegiando um nível meso de compreensão e intervenção. As instituições educativas adquirem dimensão própria, enquanto espaço organizacional onde também se tomam importantes decisões educativas, curriculares e pedagógicas” (NÓVOA, 1992, p. 15).

Eis um nobre sentir: o Instituto Senhor do Bomfim era singular, tinha dimensão e história próprias, e, através das decisões educativas, formou cidadãos moral, humana e intelectualmente, o que lhe conferiu uma posição de relevância no cenário educacional da cidade de Aracaju.

“Discorrer sobre o cotidiano de uma instituição é ousar mergulhar em um passado desconhecido, descortinando aquilo que está oculto e silenciado” (PIMENTEL, 2014, p. 184), razões pelas quais me permiti a crer ainda que essa pesquisa foi capaz de apresentar o Instituto Senhor do Bomfim em toda a sua trajetória histórica, e, assim, reconhecer a importância dessa instituição de ensino para a educação aracajuana, quiçá para o arcabouço educacional do estado.

Em vias de concluir, há o sentimento de que já germinam outras possibilidades de investigação como resultantes da incompletude, tida como comum, ao longo dessa caminhada, que procurou desvendar uma história, história do Instituto Senhor do Bomfim. Poderão pesquisas ser tecidas a partir dessa dissertação, pois um estudo acerca de uma determinada instituição educativa não consegue acolher todos os propósitos existentes em uma pesquisa de grandeza considerável. Assim, aos futuros colegas mestrandos e doutorandos, anseia-se que deem continuidade ao que não se encerra, pois fica a oportunidade de voltar ao passado para poder ver melhor o presente, digo, entender o presente.

Bem verdade que o tempo do mestrado é considerado pouco para se aprender e apreender novos conceitos e sua aplicabilidade, mas tem-se o entendimento de que essa situação justifica-se de modo teórico, pois, quando se permite a vivenciar essa etapa acadêmica, tem-se a sensação de que o percurso foi longo e, simultaneamente, desafiador e gratificante. Foi percorrido com dedicação e fervor, objetivando, assim, pleno entendimento da origem, do desenvolvimento e do funcionamento da instituição educativa, objeto de estudo dessa pesquisa, o Instituto Senhor do Bomfim.

REFERÊNCIAS

- BARRETO, Raylane Andreza Dias Navarro. **Os padres de Dom José: o seminário Sagrado Coração de Jesus (1913 – 1933)**, 2004, 139f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2004.
- BARROS, Lúcia Violeta Prata de Oliveira. **O Instituto de Educação “Rui Barbosa” nas décadas de 1970 e 1980: representações das práticas escolares** / Lúcia Violeta Prata de Oliveira; Orientador: Dr. Miguel André Berger. – Aracaju-SE, 2012.
- BENCOSTTA, Marcus Levy; BRAGA, Marina Fernandes. **História e arquitetura escolar: a experiência dos regulamentos franceses e brasileiros para os edifícios escolares (1880-1910)**. Revista Linhas. Florianópolis, v. 12, n. 01, p. 51 – 72, jan. / jun. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/2275/1724>>. Acesso em: 18 jun. 2018.
- BERTINATTI, Nicole. **A escola Dominical Presbiteriana como divulgadora de saberes e práticas pedagógicas religiosas (1909 – 1928)**, 2011. 99f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju/SE, 2011.
- BONIFÁCIO, Nadja Santos. **“Acolher, evangelizar e educar”**: contribuição do oratório festivo São João Bosco para educação feminina em Aracaju (1914 – 1952), 2011. 253f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, 2011.
- BONIFÁCIO, Nadja Santos. **Uma educação para a vida: as práticas educativas dos salesianos para a formação dos meninos em Sergipe (1911 – 1945)**. Tese (doutorado) – Universidade Federal de Campinas, Faculdade de Educação. São Paulo, 2017.
- BUFFA, Ester. **História e filosofia das instituições escolares**. In: ARAÚJO, José Carlos Souza, GATTI JUNIOR, Décio (Org.). *Novos temas em história da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas/SP: Autores Associados; Uberlândia: EDUFU, 2002. p. 25-38.
- BURKE, Peter. **O que é história cultural?** Tradução: Sérgio Gois de Paulo. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed: 2005.
- CAMPEÃO, Mara Regina de Ávila. **Um estudo de caso sobre a história das instituições educativas: o colégio São José/Montenegro/RS**. Dissertação de mestrado. Universidade do Vale do Rio dos sinos – Unisinos. São Leopoldo, 2006.
- CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. Lisboa/Rio de Janeiro: DIFEL/ Bertrand, 1990.
- CHARTIER, Roger. **Escutar os mortos com os olhos**. Revista Estudos Avançados, São Paulo, v. 24, n. 69, p. 6-30, 2010.

CHERVEL, André. **História das disciplinas escolares:** reflexões sobre um campo de pesquisa. Teoria e Educação, Porto Alegre, n.2, 1990, p177-229.

COLÉGIO BOA ESPERANÇA. Colégio Particular Sergipano. *In:* FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política:** sergipanas no início do século XX. Campinas, SP: [s.n.]. Tese de Doutorado em Educação, Unicamp, 2003a.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE LOURDES. Colégio Particular Sergipano. *In:* NUNES, Martha Susana Cabral. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Católica de Sergipe (1959-1968).** Dissertação de Mestrado em Educação. São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. UFS, 2008.

COLÉGIO NOSSA SENHORA DE SANTANA. Colégio Particular Sergipano. *In:* FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **Educação, trabalho e ação política:** sergipanas no início do século XX. Campinas, SP: [s.n.]. Tese de Doutorado em Educação, Unicamp, 2003a.

COLÉGIO PATROCÍNIO SÃO JOSÉ. Colégio Particular Sergipano. *In:* SANTANA, Valéria Carmelita do Nascimento. **ANPUH – XXII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA.** João Pessoa, 2003, p. 4.

COLÉGIO SALESIANO NOSSA SENHORA AUXILIADORA. Colégio Particular Sergipano. *In:* NUNES, Martha Susana Cabral. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Católica de Sergipe (1959-1968).** Dissertação de Mestrado em Educação. São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. UFS, 2008.

COLÉGIO “TOBIAS BARRETO”. Colégio Particular Sergipano. *In:* NUNES, Martha Susana Cabral. **O Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia Católica de Sergipe (1959-1968).** Dissertação de Mestrado em Educação. São Cristóvão: Núcleo de Pós – Graduação em Educação, Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa. UFS, 2008.

CONSELHO NACIONAL DE SAÚDE/COMISSÃO NACIONAL DE ÉTICA EM PESQUISA. **Resolução nº196/96 versão 2012.** Disponível em: <http://conselho.saude.gov.br/web_comissoes/conep/aquivos/resolucoes/23_out_verso_final_196_ENCEP2012.pdf>. Acesso em 01 ago 2016.

CORAZZA, Sandra. **Transcrição da diferença em educação:** currículo e didática da tradução. Disponível em: <<http://www.adufrgs.org.br/wp-content/uploads/2015/10/Transcri%C3%A7%C3%A3o-da-diferen%C3%A7a-em-educa%C3%A7%C3%A3o-curr%C3%ADculo-e-did%C3%A1tica-da-tradu%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em 01 out 2017.

COSTA, Rosimeire Macedo. **Fé, civilidade e ilustração:** as memórias de ex-alunas do Colégio Nossa Senhora de Lourdes (1903 – 1973). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE: 2003.

CRUZ, Priscila Aparecida Silva; FREITAS, Silvane Aparecida de. **Disciplina, controle social e educação escolar: um breve estudo à luz de Michel Foucault.** Revista LEVS/UNESP-Marília | Ano 2011 – Ed.7 Jun/2011 – ISSN 1983-2192.

CUNHA, Marcus Vinícius da. **Ideário e imagens da educação escolar.** (org.) – Campinas SP: Autores Associados; Araraquara, SP: Programa de Pós-graduação em Educação Escolar da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, 2000. (Coleção Polêmicas do Nosso Tempo, 73).

CURY, Carlos Roberto Jamil. **Educação e contradição: elementos metodológicos para uma teoria crítica do fenômeno educativo.** 6. ed. São Paulo: Cortez, 1995.
DANTAS, José Ibarê Costa. **História de Sergipe República (1889-2000).** Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2004.

DELEUZE, Gilles. **La méthode de dramatisation.** In: DELEUZE, Gilles. *L'île déserte et autres textes. Textes et entretiens 1953-1974.* Paris: Minuit, 2002, p.131-162.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos Pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República.** Passo Fundo: UPF, 2000.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Cultura escolar: da migração do conceito à sua objetivação histórica.** In: FELGUEIRAS, Margarida Louro; VIEIRA, Carlos Eduardo (Eds). *Cultura escolar, migrações e cidadania.* Porto: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação e autores, 2010, p. 17-32.

FELGUEIRAS, Margarida Louro. **Materialidade da cultura escolar.** A importância da museologia na conservação/comunicação da herança educativa. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, da Universidade do Porto. *Pro-Posições*, v. 16, n. 1 (46) - jan./abr. 2005. Disponível em: <<http://www.proposicoes.fe.unicamp.br/proposicoes/edicoes/texto197.html>>. Acesso em: 01 nov 2016.

FERRONATO, Cristiano. **Das aulas avulsas ao Lyceu Provincial: as primeiras configurações da instituição secundária na província da Parahyba do Norte (1836 – 1884).** Aracaju: Editora Diário Oficial do Estado de Sergipe – EDISE; Aracaju: Universidade Tiradentes, 2014.

FERRONATO, Cristiano. **Fontes e Arquivos da História da Educação na Parahyba do Oitocentos: O Lyceu Parahybano .** *Sæculum*.nº 22 - jan./jun. 2010 – (DOSSIÊ HISTÓRIA E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO).

FORQUIN, J. -C. **Escola e cultura: as bases sociais e epistemológicas do conhecimento escolar.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

FORQUIN, J.-C. **O currículo entre o relativismo e o universalismo.** *Educação & Sociedade*, ano XXI, n. 73, p. 47-70, dez. 2000. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/es/v21n73/4205.pdf>>. Acesso em: 01 nov 2017.

FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **A escolarização feminina em estabelecimentos públicos aracajuanos, nas primeiras décadas do século XX.**

Departamento de Educação – UFS. NPSE – UFS – HISTDBR. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/acer_histedbr/seminario/seminario6/Escolas,%20Cursos%20e%20Programas%20%20Especiais/Escolariza%E7%E3o%20feminina.do.c>. Acesso em: 01 nov 2017.

GALVÃO, M. C. B. (2010). **O levantamento bibliográfico e a pesquisa científica**. In: L. J. Franco, & A. D. C. Passos (Orgs.), *Fundamentos de epidemiologia* (2rd ed.). São Paulo: Manole. Recuperado de <http://www2.eerp.usp.br/Nepien/DisponibilizarArquivos/Levantamento_bibliografico_CristianeGalv.pdf>. Acesso em: 01 nov 2017.

GATTI JUNIOR, Décio. **A história das instituições educacionais: inovações paradigmáticas e temáticas**. In: ARAÚJO, José Carlos Souza; GATTI JUNIOR, Décio (Org.). *Novos temas em historia da educação brasileira: instituições escolares e educação na imprensa*. Campinas: Autores Associados; Uberlândia/MG: EDUFU, 2002. p. 3-24.

GRAÇA, Rogério Freire. **Civilidade e formação de professoras: um mosaico do ensino normal regional do Instituto Sagrado Coração de Jesus (Estância/SE, 1949 – 1955)**, 2011, 129f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Tiradentes, Aracaju/SE, 2011.

GERMINARI, G. D.; PEDROSO, D. **Educação escolar e currículo: uma abordagem cultural**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 17, n. 53, p. 843-865, 2017.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* / Carlo Ginzburg: tradução Betania Amoroso- São Paulo: Companhia da Letras, 1987.

KUHLMANN JUNIOR, Moysés. **Educando a infância brasileira**. In: LOPES, E. M. T; FARIA FILHO, L. M. e VEIGA, C. G. *500 anos de educação no Brasil*. Belo Horizonte: Autentica, 2007.

JULIA, Dominique. **A Cultura Escolar como objeto histórico**. In: *Revista Brasileira de História da Educação*. Campinas: Autores Associados. Nº 1. jan/jun de 2001.

LEAL, Rita de Cássia Dias. **O primeiro jardim de infância de Sergipe: contribuição ao estudo da Educação Infantil (1932 – 1942)**. Dissertação (Mestrado). São Cristóvão: Núcleo de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de Sergipe, 2004.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Tradução Bernardo Leitão, et all. 2º Ed. Campinas/SP: Editora UNICAMP, 1992, p. 419-541.

LE GOFF, Jaques. **Documento/Monumento**. In: *História e memória*. Trad. Bernardo Leitão. 3. ed. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1994. p. 535-549.

LIMA, Cristiane de Souza Santana. **O Padre José Carvalho de Souza e o Colégio Arquidiocesano Sagrado Coração de Jesus: uma história indissociável da educação**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Diretoria de Pesquisa e

Extensão, Programa de Pós-Graduação em Educação, Universidade Tiradentes, 2013.

MAGALHÃES, Justino Pereira de. **Tecendo Nexos: história das instituições educativas.** Bragança Paulista/SP: Editora Universitária São Francisco, 2004.

MAGALHÃES, J. P. **Breve apontamento para a história das instituições educativas.** In: SANFELICE, J. L.; SAVIANI, D.; LOMBARDI, J. C. História da Educação: perspectiva para um intercâmbio internacional. Campinas: Autores Associados; HISTEDBR, 1999. p. 67-72.

MAGALHÃES, Justino. **Comunicação: Contributo para a História das Instituições Educativas – entre a memória e o arquivo.** Instituto de Educação e Psicologia. Universidade do Minho.

MELINS, Murillo. **Aracaju romântica que vi e vivi.** 3 ed. Aracaju: Unit, 2007.

MELINS, Murillo. **Maria Aribé foi traída.** In: Aracaju, pitoresco e lendário. Empresa Gráfica da Bahia, 2015.

MELO, Sônia Pinto de Albuquerque. **Instituto de Educação Rui Barbosa – IERB: Feminização do magistério em Sergipe (1911 – 1969).** Disponível em: <<https://ri.ufs.br/bitstream/123456789/1068/1/IERBFeminiza%C3%A7%C3%A3o.pdf>>. Acesso em: 1 nov 2017.

MELO, Valéria Alves. **As filhas da Imaculada Conceição: um estudo sobre a educação católica (1915 – 1970).** São Cristóvão, 2007. 158f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão/SE, 2007.

MOGARRO, M. J. **Os arquivos escolares nas instituições educativas portuguesas.** Preservar a informação, construir a memória. Pro-Posições, v. 16, p. 103 – 116, jan./abr. 2005.

MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. **Sociologia e teoria crítica do currículo: uma introdução.** In: MOREIRA, A. F. B.; SILVA, T. T. da (Orgs.). *Currículo, cultura e sociedade.* 12 ed. São Paulo: Cortez, 2001. p. 13-48.

NAGLE, Jorge. **Educação e Sociedade na Primeira República.** São Paulo: EDUC/EDUSP, 2012.

NUNES, Maria Thétis. **História da educação em Sergipe.** 2.ed. São Cristóvão: Editora UFS; Aracaju: Fundação Oviêdo Teixeira, 2008.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho do; VILAS-BÔAS, Ester Fraga; FREITAS, Anamaria Gonçalves Bueno de. **O Colégio Inglês de Laranjeiras e a Educação Feminina em Sergipe.** In: Anais da IV Semana de Educação. I Encontro Regional de Educação. Educação e Exclusão Social: desafios na formação do educador. UFS. São Cristóvão, 2003, p. 57-68.

NASCIMENTO, Michelline Roberta Simões do. **Jardim de Infância Joana Ramos: educação infantil na Cidade de Tobias Barreto (1969 – 1985)**. 2015. 122f, (Dissertação de Mestrado Educação) – Universidade Unit, Aracaju/SE.

NÓVOA, Antonio (coord). **As organizações escolares em análise**. Lisboa. Publicações D. Quixote, 1992.

NOSELLA, Paolo/Ester Buffa. **Schola Mater: a antiga Escola Normal de São Carlos**. EDU FS Car, 1996.

OLIVEIRA, Dilma Maria Andrade de. **O Ensino Primário em Sergipe na Primeira República**. Disponível em: <http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/artigos_pdf/Dilma_Maria_Oliveira_artigo.pdf>. Acessado em: 01 nov 2017.

OLIVEIRA, Lúcia Helena M. M., GATTI JUNIOR, Décio. **História das Instituições Educativas: um novo olhar historiográfico**. Caderno de História da Educação: v. 1, n. 1, jan/dez, 2002.

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis: Vozes, 2007.
PERROT, Michelle. **Mulheres Públicas**. Trad.: Roberto Leal Ferreira. São Paulo: UNESP, 1998.

PIMENTEL, Carmen Regina de Carvalho. **“Instruir e educar”**: práticas de formação no Colégio “Jackson de Figueiredo” (1938 – 1980). Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2014.

RIBEIRO, Arilda Inês Miranda. **Mulheres educadas na colônia**. In: LOPES, Eliane M. Teixeira (Org.). 500 Anos de educação. Belo Horizonte: A. Autêntica, 2000.

SACRISTÁN, José Gimeno. **Consciência e ação sobre a prática como libertação profissional dos professores**. In: NÓVOA, A. (Org). Profissão professor. Porto: Ed Porto, 1991.

SANFELICE, J. L. **Dialética e Pesquisa em Educação**. In: LOMBARDI, J.C.; SAVIANI, D. (Orgs.). Marxismo e Educação: debates contemporâneos. 2ªed. Campinas, SP: Autores Associados: Histedbr, 2008.

SANFELICE, José Luís. **História das instituições escolares e gestores educacionais**. Revista HISTEDBR. Campinas, n. especial, p. 20–27, ago. 2006 - ISSN: 1676-2584 20.

SAMPAIO, Dilson Gonzaga. **“Para tornar o estudo um farol no colégio o lema tracemos” O colégio Patrocínio de São José, de Aracaju (1940 – 1953)**. Dissertação. Aracaju: Unit, 2016.

SANTANA, Josineide Siqueira de. **“Entre bordados cadernos e orações: a educação de meninas e as práticas educativas no orfanato de São Cristóvão e na Escola da Imaculada Conceição (1922-1969)”**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Sergipe, 2011.

SANTOS, Luzianne dos. **De escolas reunidas a colégio estadual: a instituição educativa Severiano Cardoso (1924 – 2016)**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Tiradentes, 2017.

SANTOS, Mildon Carlos Calixto dos. **O cotidiano escolar da EMMGR – Serra da Guia, Poço Redondo Sergipe (comunidade quilombola)** / Mildon Carlos Calixto dos Santos. Orientação [de] Dr^a Ada Augusta Celestino Bezerra. – Aracaju: UNIT, 2014.

SILVA, Marcos (coord). **República em Migalhas**. História Regional e Local. São Paulo: Marco Zero/CNPq, 1990.

SOBRINHO, Antônio Corrêa. **Meras Impressões**. 2006.

SOUZA, Eliete Ramos de. **A escola como instituição social: revisitando a função social da escola**. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Londrina, Centro de Educação, Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2013.

SOUZA, Kátia Viana de. **A disciplina economia doméstica e a formação no Instituto de Educação Ruy Barbosa (1960)**, 2015. 97il. (Dissertação de Mestrado) – Universidade Tiradentes-Unit, Aracaju/Sergipe, 2015.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral/ Paul Thompson; tradução Lólio Lourenço de Oliveira-Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.**

VIDAL, Diana Gonçalves. **Tecendo história (e recriando memória) da escola primária e da infância no Brasil: os Grupos Escolares em foco**. In: VIDAL, Diana (Org.) Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). Campinas: SP: Mercado de Letras, 2006, p. 7-20.

VIÑAO FRAGO, Antônio. **Espaços, usos e funções: a localização e disposição física da direção escolar na escola graduada**. In: BENTECOSTTA, Marcus Levy Albino (Org). História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar. São Paulo: Cortez, 2005, p. 15-47.

WERLE, Flávia Obino Corrêa; BRITTO, Lenir Marina Trindade de Sá; COLAU, Cíntia Merlo. **Espaço Escolar e Histórias das Instituições Escolares**. Diálogo Educ., Curitiba, v. 7, n. 22, p. 147-163, set./dez. 2007.

WERLE, Flavia Obino Correia. **História das instituições escolares: responsabilidade do gestor escolar**. Cadernos de História da Educação - n. 3 - jan./dez. 2004.

FONTES ELETRÔNICAS

COLÉGIO ARQUIDIOCESANO. **Colégio Particular Sergipano**. Disponível em <www.arquidiocesedearacaju>. Acesso em: 01 mai 2017.

COLÉGIO PIO X. **Colégio Particular Sergipano**. Disponível em: <<http://www.piodecimo.com.br/historia>>. Acesso em: 01 mai 2017.

COLÉGIO “TIRADENTES”. **Colégio Particular Sergipano**. Disponível em: <<http://www.ead.unit.br/unit/história.php>>. Acesso em: 01 mai 2017.

FILHOS ILUSTRES: SIQUEIRA CAMPOS. Disponível em: <www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm/biografias/ev_bio_siqueiracampos.htm>. Acesso em: 16 set 2017.

NASCIMENTO, José Anderson. **Bairro Siqueira Campos**. Disponível em: <<http://www.jornaldacidade.net/noticia-leitura/76/98292/bairro-siqueira-campos.html#.WScpUOvyupp>>. Acesso em: 01 mai 2017.